



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Enzo Macedo Teixeira

**#JeSuisCharlie: liberdade de imprensa e expressão a partir dos ataques ao
satírico Charlie Hebdo**

Mariana
2023

Enzo Macedo Teixeira

**#JeSuisCharlie: liberdade de imprensa e expressão a partir dos ataques ao
satírico Charlie Hebdo**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo

Orientadora: Lara Linhalis Guimarães

Mariana
2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

T266j Teixeira, Enzo Macedo.
#JeSuisCharlie [manuscrito]: liberdade de imprensa e expressão a
partir dos ataques ao satírico Charlie Hebdo. / Enzo Macedo Teixeira. -
2023.
59 f.

Orientadora: Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Humorismo francês. 2. Liberdade de imprensa. 3. Teoria ator-rede.
I. Guimarães, Lara Linhalis. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III.
Título.

CDU 070.13

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter de Sousa - CRB6/1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Enzo Macedo Teixeira

**#JeSuisCharlie: liberdade de imprensa e expressão a partir dos ataques ao
satírico Charlie Hebdo**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 25 de agosto de 2023

Membros da banca

Dra. Lara Linhalis Guimarães - Orientador(a), Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Marcelo Freire Pereira de Souza - Universidade Federal de Ouro Preto
Me. Breno Motta - Universidade Federal de Juiz de Fora

Lara Linhalis Guimarães, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de
Conclusão de Curso da UFOP em 23/012026



Documento assinado eletronicamente por **Lara Linhalis Guimarães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em
23/01/2026, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de
outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1046589** e o código CRC **4EDA7BD9**.

RESUMO

A pesquisa tem como objeto de estudo o debate público acerca do atentado à redação do jornal satírico francês Charlie Hebdo, ocorrido no dia 7 de janeiro de 2015, em Paris. 12 pessoas foram mortas e cinco ficaram feridas. O evento trouxe à tona uma antiga discussão: “quais são os limites da liberdade de expressão?”. A hashtag #JeSuisCharlie foi utilizada em todo o mundo para prestar solidariedade ao jornal, às vítimas do ataque, e principalmente, à imprensa. Para isso, este trabalho busca inspiração na Teoria-Ator Rede, com base especialmente no entendimento de André Lemos (2013).

Palavras-chave: Crítica de Mídia; Terrorismo; Liberdade de expressão; Liberdade de Imprensa; Imprensa; Charges

ABSTRACT

This research focuses on the public debate surrounding the attack on the offices of the satirical French newspaper Charlie Hebdo, which took place on January 7, 2015, in Paris. Twelve people were killed and five were injured. The event brought up an age-old discussion: "What are the limits of freedom of expression?" The hashtag #JeSuisCharlie was used worldwide to show solidarity with the newspaper, the attack victims, and especially the press. To achieve this, this study draws inspiration from Actor-Network Theory, based particularly on the understanding of André Lemos (2013).

Keywords: Media Critique; Terrorism; Freedom of Expression; Freedom of the Press; Print Media; Cartoons

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do Charlie Hebdo com o Papa Bento XVI.....	5
Figura 2 - Capa do Charlie Hebdo sobre o nepotismo.....	6
Figura 3 - Capa do Charlie Hebdo sobre política internacional.....	7
Figura 4 - Capa do Charlie Hebdo sobre pedofilia na Igreja Católica.....	7
Figura 5 - Capa do Charlie Hebdo sobre possíveis fraudes em eleições no Vaticano.....	9
Figuras 6, 7, 8, 9 - Reações postadas no Twitter após o atentado à redação.....	10
Figura 10 - Opinião de internauta divulgada no Twitter.....	12
Figura 11 - Capa polêmica do Charlie Hebdo publicada em 2006.....	13
Figura 12 - Publicação de 2011 que possivelmente incentivou o primeiro ataque.....	13
Figura 13 - Publicação após o atentado à bomba em 2011.....	14
Figura 14 - Tweet publicado por David Cameron em solidariedade ao ataque.....	15
Figura 15 - Foto da Marcha Republicana.....	16
Figura 16 - Captura de tela de reportagem sobre a marcha.....	17
Figura 17 - Redação da Agence France-Presse em Paris com hashtag em apoio ao jornal.....	17
Figura 18 - Cartaz com contra-hashtag que critica a abordagem do jornal.....	18
Figura 19 - Capa do livro “Piadas sobre Meninas (para os meninos lerem)”.....	20
Figura 20 - Manchete da Veja sobre reações do livro infantil.....	21
Figura 21 - Charge crítica da Mafalda sobre desemprego.....	23
Figura 22 - Charge sobre a violência policial.....	24
Figura 23 - Capa de A Gazeta com caricaturas de Dilma Rousseff e Aécio Neves.....	25
Figura 24 - Capa do Charlie Hebdo que critica a ex-candidata Marine Le Pen.....	26
Figura 25 - Capa de Charlie Hebdo sobre política.....	41
Figura 26 - Sabrina Sato desfila com fantasia de Dragão de São Jorge no carnaval de 2023..	45
Figura 27 - Capa de 22 de outubro de 2014.....	47
Figura 28 - Reportagem do Estado de Minas, via AFP, sobre discordâncias políticas sobre o uso do véu na França.....	49

Figura 29 - Captura de tela de tweet de Marcelo Tas sobre o atentado.....	52
Figuras 30, 31 e 32 - Capturas de tela do Twitter em apoio ao jornal.....	53
Figuras 33, 34, 35 e 36 - Capturas de tela do Twitter que criticam a postura do jornal.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. CHARLIE HEBDO: SATÍRICO, LAICO, DE ESQUERDA E ANTICLERICAL.....	4
2. O QUE É HUMOR?.....	19
2.1 O humor como forma de contestar o status quo.....	22
3. AS CONTROVÉRSIAS DO CASO CHARLIE HEBDO A PARTIR DA TEORIA ATOR-REDE.....	27
3.1 Intermediários e actantes na dinâmica das redes sociais.....	28
3.2 A tradução como ferramenta de construção de pontes.....	29
3.3 O papel da inscrição na construção de identidades e realidades sociais.....	31
3.4 Ontologia plana: Humanos e não humanos são importantes no caso.....	32
3.5 O papel das redes na construção de significados e realidades sociais.....	33
3.6 Diálogos e discussões online a partir de controvérsias.....	34
3.7 A dinâmica das caixas-pretas sociais no caso Charlie Hebdo.....	35
3.8 A noção de "essência" na Teoria Ator-Rede.....	36
3.9 As preposições como ferramenta para entender os atores.....	37
3.10 O significado do espaço-tempo na Teoria Ator-Rede.....	38
4.POR DENTRO DA CAIXA PRETA: O QUE FEZ OS DISCURSOS ASCENDEREM?.....	40
4.1 Entre o Eurocentrismo e a Xenofobia.....	40
4.2 As raízes: colonialismo e migrações.....	43
5. ASCENSÃO DO TEMA DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO.....	44
5.1 O islã como tema principal de Charlie Hebdo.....	46
5.2 Os efeitos da islamofobia na França.....	48
5.3 Blasfêmia: representações de maomé.....	49
5.4 A mídia e a luta contra o extremismo.....	50
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

A liberdade de imprensa e a liberdade de expressão são princípios fundamentais em uma sociedade democrática, garantindo o direito dos indivíduos e dos meios de comunicação de expressarem opiniões, compartilharem informações e desempenharem um papel crítico na busca pela verdade e transparência. No entanto, essas liberdades também são alvos de desafios e controvérsias, especialmente quando confrontadas com eventos dramáticos que testam os limites de sua aplicação.

Um desses eventos que abalou parte do mundo e provocou intensos debates foi o atentado terrorista ao jornal satírico francês Charlie Hebdo, ocorrido em 7 de janeiro de 2015. Neste dia, dois terroristas, Chérif e Saïd Kouachi, mataram 12 pessoas, entre elas, oito jornalistas do jornal satírico Charlie Hebdo. A repercussão do caso foi quase imediata. Este foi o segundo atentado à redação do jornal e será eixo central das discussões que se apresentarão nesta monografia. A título de informação: o primeiro atentado à bomba ao jornal ocorreu em 2011, também motivado pelos questionamentos religiosos e políticos que marcam o editorial do veículo.

“Je suis Charlie” e *“Je ne suis pas Charlie”* - em português, “Eu sou Charlie” e “Eu não sou Charlie”, respectivamente - foram duas frases que ganharam impacto e destaque internacionalmente para os dois lados de uma mesma questão: o jornal satírico Charlie Hebdo exercia seu pleno direito de liberdade de expressão quando publicou charges que representavam o profeta Maomé?

A partir dessas perguntas várias outras foram feitas: o jornal excedeu os limites - se eles existem - ao se expressar de tal forma? Quais são os limites do humor? E, afinal, a publicação se tratava de uma crítica ou de um discurso de ódio?

Há discordâncias sobre a postura do jornal, conhecidamente polêmico por seu editorial, e sobre como a população muçulmana era representada.

Nesse contexto, é importante ressaltar minha experiência pessoal relacionada a esses eventos. Entre os anos de 2016 e 2017, morei na França, um período em que o país estava enfrentando uma série de questões após os ataques terroristas. Tenho recordações de como atentados ocorridos impactaram a segurança nacional e geraram uma atmosfera de apreensão e cautela.

Lembro-me de como a segurança nas escolas foi intensificada. Na época, eu cursava *“la première”* - o equivalente ao segundo ano do Ensino Médio no Brasil. A fim de preparar

os alunos para possíveis situações de emergência, foi implementado um treinamento antiterrorismo. Quando um sinal sonoro soava, uma simulação era posta em prática. Era preciso bloquear as portas das salas de aula e nos agachar embaixo das cadeiras e, minutos depois, precisávamos evacuar o prédio e nos dirigir até a Praça do *Lycée* onde aguardávamos até que a simulação fosse encerrada.

Além disso, outras medidas foram adotadas para garantir a segurança dos estudantes. Uma área de fumantes foi adaptada dentro da escola, com o objetivo de evitar que os alunos ficassem do lado de fora, onde poderiam estar mais expostos a possíveis riscos.

Uma lembrança é latente: no meu primeiro dia na França, fui até a Torre Eiffel, logo após desembarcar do avião. Lá, já tive meu primeiro contato com a alta segurança. O *Champs de Mars* tinha bloqueios. Para chegar até a torre, era necessário, antes, passar por um detector de metais e revista. Isso mostrava que o país passava por mudanças após o atentados e que atingiam a segurança, mas também questões mais profundas.

As discussões também giram em torno dos meios de comunicação, que atuam como fiscalizadores dos poderes constituídos, expondo corrupção, abusos e injustiças - é lhes garantido a liberdade para isso. Porém, no caso das polêmicas charges públicas por Charlie Hebdo, as opiniões se dividem.

A intenção é olhar para dentro da discussão; entender como elas se iniciaram e o que as motivaram; entender o que está por trás das discussões sobre liberdade de expressão. Para fazer essa análise, é necessário, para nós, compreender as controvérsias relacionadas ao caso, para então olhar para dentro delas e analisar as questões que tangenciam as diferentes visões acerca do acontecimento. Utilizamos, para isso, os entendimentos de Lemos (2013) sobre a Teoria Ator-Rede para traçar essa discussão.

No campo do humor, é necessário entender a sua formação. Como antiga forma de crítica, voltamos a Aristóteles (1149 a.c) para entender a subjetividade do humor e como ele é característica inerente ao ser humano (MINOIS, 2003).

Para discutir a liberdade de expressão, vamos ao campo do Direito. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), promulgada durante a Revolução Francesa, é um marco fundamental na história dos direitos humanos e tem uma relevância significativa para a liberdade de expressão. Ela representa um dos primeiros documentos a consagrar explicitamente o direito à liberdade de expressão como um dos princípios fundamentais para a construção de uma sociedade democrática.

A islamofobia é tema para Lorente (2012), que explica do que se trata o termo. A partir disso, conseguimos visualizar o eurocentrismo, debatido por diversos autores, entre eles Latour (2013) - grande expoente da Teoria Ator-Rede. Já as reflexões sobre xenofobia são trazidas para o texto com base nos entendimentos de Garza (2011).

1. CHARLIE HEBDO: SATÍRICO, LAICO, DE ESQUERDA E ANTICLERICAL

O jornal Charlie Hebdo é um periódico semanal francês conhecido por seu estilo de humor satírico e irônico em relação a diversos temas, incluindo política, religião e sociedade. De acordo com o site oficial da publicação é um jornal “satírico e laico” e é declaradamente anti-clerical e com posicionamentos “de esquerda”.¹

Fundado com a intenção de ser uma versão semanal do Hara-Kiri, um jornal satírico que havia sido proibido pelo governo francês por ridicularizar a morte do presidente Charles de Gaulle, teve sua origem em 1960. Após uma carta de um dos leitores adjetivando o Hara-Kiri de “*bête et méchant*”, ou, em tradução livre, “besta e mau”, o periódico se apropriou desses adjetivos. A partir da edição de número 07, passou a ser “Hari-Kari, o jornal besta e mal”.

Apenas em 1969, o jornal é renomeado para Hari Kari Hebdo e passa a ser semanal. Após polêmicas, foi censurada oficialmente pelo período de seis meses em 1970, pelo então Ministro do Interior Raymond Marcelino. Neste mesmo ano, é rebatizado mais uma vez, como Charlie Hebdo. O nome do jornal é uma referência ao personagem fictício Charlie Brown, criado pelo cartunista americano Charles M. Schulz, e a palavra “Hebdo” é a abreviação de “*hebdomadaire*”, que significa “semanal” em francês.

Sob o novo nome, teve sua primeira interrupção em 1981, após problemas financeiros, mas foi relançado em 1992 e se tornou um importante veículo de mídia francês. Com uma linha editorial considerada progressista e libertária, o Charlie Hebdo sempre se posicionou contra o extremismo político e religioso. Entretanto, suas publicações polêmicas sobre temas sensíveis, como a religião islâmica, provocaram diversas reações ao longo dos anos.

O jornal é amplamente reconhecido por sua defesa da liberdade de expressão, que foi posta em xeque em 2015, quando foi alvo de um ataque terrorista. Em janeiro daquele ano, dois homens armados invadiram a redação do Charlie Hebdo e mataram 12 pessoas, incluindo cartunistas, jornalistas e policiais. O ataque, reivindicado por extremistas islâmicos, foi amplamente condenado em todo o mundo e levantou a discussão sobre os limites da liberdade de expressão. Apesar da tragédia, o Charlie Hebdo seguiu publicando suas edições semanais, mantendo seu estilo crítico e polêmico.²

¹ Adjetivos apresentados na página principal da publicação do jornal. Disponível em: <<https://charliehebdo.fr/>>: Acesso em 25 de novembro de 2022

²Disponível em: <<https://charliehebdo.fr/types/edito/>>. Acesso em 25 de novembro de 2022

Desde então, o Charlie Hebdo tem sido alvo de debates e controvérsias em torno da liberdade de expressão, especialmente em relação a charges e caricaturas consideradas ofensivas por algumas pessoas e grupos, levantando questões importantes sobre a relação entre liberdade de expressão e respeito às diferenças culturais e religiosas.

Em suas páginas, o Charlie Hebdo também costuma abordar temas como corrupção, direitos humanos, religião e política internacional.

Figura 1 - Capa do Charlie Hebdo com o Papa Bento XVI



Fonte: El País

Na imagem acima, por exemplo, é possível ver uma caricatura do Papa Bento XVI segurando um preservativo com os dizeres “O papa vai longe demais” e dentro do balão de fala “Este é meu corpo” - em referência ao ritual católico da eucaristia. O papa era conhecido por ser contrário ao método.

Figura 2 - Capa do Charlie Hebdo sobre o nepotismo



Fonte: Folha de S. Paulo

Outro exemplo. A charge em questão retrata uma importante questão social e política: o nepotismo, ou seja, o favorecimento de parentes em cargos públicos ou posições de poder. Nesse contexto, o ex-presidente francês, Nicolas Sarkozy é colocado em evidência, representando um caso emblemático dessa prática.

Sarkozy tentou dar a seu filho, que na época tinha 21 anos e cursava o primeiro ano de Direito, um cargo no distrito financeiro mais importante de Paris. A charge critica a prática de favorecer familiares, independentemente de suas habilidades ou qualificações, em detrimento de candidatos mais capacitados. O impacto da imagem é criado pelas palavras presentes no balão de fala do filho de Sarkozy: "Eu dormi com meu pai para ter sucesso".

A linha editorial do jornal é satírica - forma de expressão que utiliza a ironia, o sarcasmo e a caricatura para criticar indivíduos, instituições ou ideologias. A sátira busca expor e denunciar por meio de um discurso crítico e humorístico e pode ser entendida como uma forma de resistência cultural e política, pois questiona as estruturas de poder e vai contra os valores dominantes. Por outro lado, pode ser vista como puro desrespeito.

Figura 3 - Capa do Charlie Hebdo sobre política internacional



Fonte: Folha de S. Paulo

Na capa da publicação, o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, também foi alvo de sátira numa tentativa de conquistar o apoio do eleitorado branco. “Eu apresento a vocês meu companheiro de chapa”, diz a publicação. Na charge, Obama aparece ao lado de uma representação de um membro da Ku Klux Klan, organização que defende a supremacia branca.

Figura 4 - Capa do Charlie Hebdo sobre pedofilia na Igreja Católica



Fonte: Folha de S. Paulo

Nesta outra capa, observa-se uma caricatura do líder da Igreja Católica que aconselha um bispo: “Faça cinema como Polanski”. Roman Polanski é um diretor de cinema polonês-francês. Em 1977, ele foi acusado de estupro por uma jovem de 13 anos. Ele fugiu dos Estados Unidos antes de seu julgamento e desde então vive na Europa.

A laicidade também é um dos princípios editoriais do jornal. O conceito diz sobre a separação entre Estado e religião, ou seja, a ideia de que as instituições devem ser neutras em relação às crenças e práticas religiosas, garantindo a liberdade religiosa para todos os cidadãos. Importante ressaltar que o jornal faz críticas a diversas religiões.

De acordo com o dicionário *on-line* Michaelis os termos “de esquerda”³ e “anticlerical”⁴ são termos políticos que remetem a uma posição crítica em relação às estruturas de poder e às instituições conservadoras. A esquerda é definida como “oposição parlamentar representada por partidários com ideias contrárias às dos conservadores” e anticlerical como “aquele que combate a autoridade e a influência política e moral do clero”.

³ Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esquerda>>. Acesso em agosto de 2023

⁴ Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/anticlerical/>> . Acesso em agosto de 2023

Figura 5 - Capa do Charlie Hebdo sobre possíveis fraudes em eleições no Vaticano



Fonte: Folha de S. Paulo

A capa publicada diz “Vaticano - Mais uma eleição falsificada”. Uma representação de Jesus Cristo, preso em uma cruz diz: “Me soltem. Eu quero votar!”

1.1 O atentado

Em 7 de janeiro de 2015, o jornal foi alvo de um ataque terrorista, no qual doze pessoas foram mortas por extremistas islâmicos em retaliação às charges e artigos publicados sobre o profeta Maomé ao longo dos anos. O fato foi amplamente divulgado pela mídia de todo mundo.

O atentado ao Charlie Hebdo gerou uma onda de choque e indignação na França e em todo o mundo, levantando discussões sobre liberdade de expressão, intolerância religiosa, secularismo e o equilíbrio entre o respeito às crenças religiosas e a salvaguarda do direito à sátira e à crítica.

Figuras 6, 7, 8, 9 - Reações postadas no Twitter após o atentado à redação



Fonte: Reprodução do Twitter

Em seu site oficial, na seção dedicada à história do periódico, há a seguinte descrição do dia do atentado:

Os irmãos Kouachi, encapuzados e armados com *Kalashnikovs*, chegam na hora da reunião editorial. Eles atiram e matam os designers Cabu, Charb, Honoré, Tignous e Wolinski, a psicanalista Elsa Cayat, o economista Bernard Maris, o corretor Mustapha Ourrad, o policial Franck Brinsolaro, que garantiu a proteção de Charb, Michel Renaud, o fundador do festival *Rendez-vous* do diário de viagem, convidado para a ocasião, e Frédéric Boisseau, responsável pela manutenção do edifício. Eles [os terroristas] feriram gravemente o cartunista Riss, os jornalistas Philippe Lançon e Fabrice Nicolino, bem como o *webmaster* Simon Fieschi. Deixando o local e antes de matar o guardião da paz Ahmed Merabet, os terroristas exclamam: “Nós vingamos o profeta Maomé! “A redação, ou o que resta dela, está novamente alojada no Liberation, por nove meses. Pulsão de morte, pulsão de vida: Charlie Hebdo viverá. (Charlie Hebdo, 2022, tradução nossa)⁵

⁵ “Les frères Kouachi, encagoulés et armés de kalachnikovs, débarquent à l’heure de la conférence de rédaction. Ils tirent dans le tas et tuent les dessinateurs Cabu, Charb, Honoré, Tignous et Wolinski, la psychanalyste Elsa Cayat, l’économiste Bernard Maris, le correcteur Mustapha Ourrad, le policier Franck Brinsolaro, qui assurait la protection de Charb, Michel Renaud, le fondateur du festival Rendez-vous du carnet de voyage, invité pour l’occasion, et Frédéric Boisseau, chargé de la maintenance du bâtiment. Ils blessent très grièvement le dessinateur Riss, les journalistes Philippe Lançon et Fabrice Nicolino, ainsi que le webmaster Simon Fieschi. En sortant des locaux et avant d’abattre le gardien de la paix Ahmed Merabet, les terroristes s’écrient : « On a vengé le prophète Mahomet ! » La rédaction, ou ce qu’il en reste, est à nouveau hébergée chez Libération, pour neuf mois. Pulsion de mort, pulsion de vie : Charlie Hebdo vivra.” (Charlie Hebdo, 2022)

No dia 14 de janeiro do mesmo ano, apenas sete dias após o atentado, a organização terrorista Al-Qaeda do Iêmen reivindicou o atentado em um vídeo postado *on-line*. A justificativa, dada pelos extremistas, é que o atentado era uma vingança pelos insultos supostamente realizados pelo jornal ao profeta Maomé.

Em uma reportagem publicada pelo Portal G1, um pequeno fragmento do vídeo é traduzido. Lê-se: "Sobre a abençoada Batalha de Paris, nós, a Organização da Al-Qaeda Al Jihad na Península Arábica, assumimos a responsabilidade por essa operação como vingança pelo mensageiro de Deus"⁶ (ANSI, 2015). As aspas são atribuídas à Nasser bin Ali al-Ansi, do braço iemenita da Al-Qaeda, que aparece na gravação do vídeo.

O atentado gerou uma onda de solidariedade em todo o mundo, com muitas pessoas defendendo a liberdade de expressão e o direito do jornal de publicar o que quisesse, como o escritor britânico de origem indiana, Salman Rushdie, em entrevista para o *The Guardian*, afirmou: "Você não pode dividi-la, caso contrário, deixa de ser liberdade. Você pode não gostar do Charlie Hebdo... Mas o fato de você não gostar deles não tem nada a ver com o direito deles de falar" (RUSHDIE, 2015, tradução nossa)⁷. O periódico é acusado de perpetuar um discurso eurocêntrico e islamofóbico em suas charges e artigos.

No entanto, também houve críticas em relação ao conteúdo do jornal, especialmente em relação às charges que retratavam o profeta Maomé de maneira ofensiva. Algumas vozes argumentaram que o Charlie Hebdo estava promovendo o racismo e a islamofobia em vez de simplesmente exercer a liberdade de expressão, como afirma a pesquisadora Sonia Dayan-Herzbrun⁸, "a liberdade de expressão não é absoluta, mas sim relativa a um contexto social e histórico" (DAYAN-HERZBRUN, 2009, p. 35).

⁶ Disponível em

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/al-qaeda-do-iyemen-reivindica-atentado-contr-o-charlie-hebdo.html#:~:text=%22Sobre%20a%20aben%C3%A7oad%20Batalha%20de,Al%2DQaeda%2C%20na%20grava%C3%A7%C3%A3o.>>> Acesso em 28 de maio de 2023

⁷ Disponível em

<<https://www.theguardian.com/books/2015/jan/15/salman-rushdie-on-charlie-hebdo-freedom-of-speech-can-only-be-absolute>> Acesso em: 28 de maio de 2023

⁸ Sonia Dayan-Herzbrun é professora emérita de Ciências Sociais na Universidade Paris Diderot-Paris 7. Ela é editora da *Turmoil*, revista sobre política contemporânea e membro da RING (Rede Nacional Interdisciplinar de Gênero). É membro da Comissão Nacional Francesa da UNESCO e vice-presidente do Comitê de Ciências Sociais da Comissão. Em 1991, ela fundou o Centro de Sociologia de Práticas e Representações Políticas (CSPRP) e é vice-presidente da Associação de Membros de Universidades para o Respeito do Direito Internacional na Palestina. Em 1987, ela concluiu um estudo sobre mulheres palestinas para as publicações de Dayan-Herzbrun da ONU sobre tópicos relacionados à teoria social, teoria crítica, pós-colonialismo, feminismo e Oriente Médio. Seu livro mais recente é *Women and Politics in the Middle East* (L'Hartmattan, 2005).

Figura 10 - Opinião de internauta divulgada no Twitter



Fonte: Reprodução do Twitter

Ainda em 2012, anos antes do atentado à redação, uma reportagem do site Deutsche Welle⁹, a rede internacional de comunicação pública da Alemanha, discutia o eurocentrismo do periódico Charlie Hebdo. A matéria aborda como algumas das charges publicadas pela revista eram vistas como perpetuadoras de estereótipos e preconceitos em relação a certas culturas, em particular, às comunidades muçulmanas. Essa crítica se baseia na percepção de que o Charlie Hebdo, em sua abordagem satírica, muitas vezes desconsiderava o contexto e a sensibilidade cultural dessas comunidades, reforçando assim uma visão eurocêntrica. A entrevistada, especialista em Islã, Amir-Moazami, disse que Charlie Hebdo tinha a intenção de "não apenas provocar os muçulmanos, mas talvez também mostrar que eles não são totalmente bem-vindos no país" (MOAZAMI, 2012).

Apesar da grande repercussão do caso em 2015, essa não teria sido a primeira tentativa de censura civil ao jornal. Em 2006, o jornal publicou uma série de caricaturas do profeta Maomé que provocou uma grande controvérsia na comunidade muçulmana. Uma dessas publicações trazia o Maomé lamentando "é difícil ser amado por idiotas".

⁹ Disponível em:

<<https://www.dw.com/pt-br/caricaturas-de-maom%C3%A9-acendem-na-fran%C3%A7a-debate-sobre-liberdade-de-imprensa/a-16252842>>. Acesso em: 28 maio 2023.

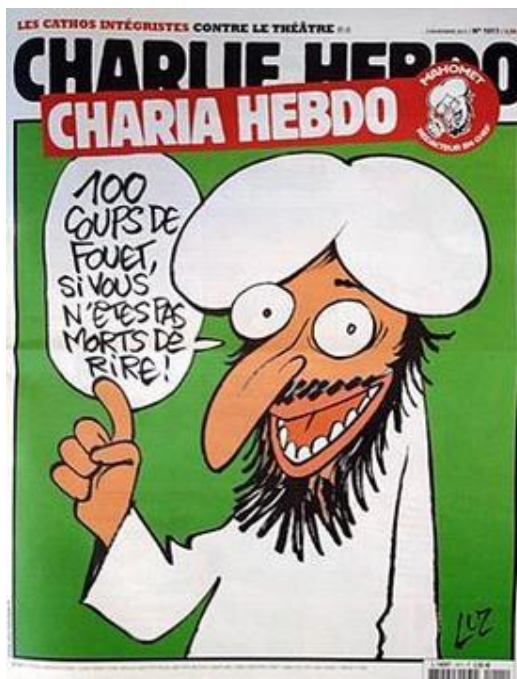
Figura 11 - Capa polêmica do Charlie Hebdo publicada em 2006



Fonte: El País

Em 2011, a redação do jornal foi incendiada após a publicação de uma edição especial que satirizava o Islã e o profeta Maomé. Dois coquetéis *molotov* foram lançados contra o escritório do jornal em Paris. Embora o ataque tenha causado danos materiais ao prédio, ninguém ficou ferido. O ataque aconteceu após o periódico ter feito uma publicação que mostra o profeta como redator-chefe da revista.

Figura 12 - Publicação de 2011 que possivelmente incentivou o primeiro ataque



Fonte: Folha de S. Paulo

“100 chibatadas se você não morrer de rir”, lê-se na capa. O título faz alusão à lei *sharia* muçulmana - um sistema jurídico baseado nas interpretações da lei islâmica, que regula diversos aspectos da vida dos muçulmanos e abrange uma ampla gama de assuntos, incluindo questões religiosas, sociais, familiares e criminais.

1.2 O impacto do atentado de Charlie Hebdo no mundo

Após o ataque a bomba à redação em 2011, o jornal respondeu com uma publicação.

Figura 13 - Publicação após o atentado à bomba em 2011



Fonte: Folha de S. Paulo

Na capa, os dizeres “*L’amour est plus fort que la haine*”, ou, em tradução livre para o português, “O amor é mais forte que o ódio”. No desenho, a representação de um homem muçulmano (talvez, Maomé) beijando um dos cartunistas da publicação.

No entanto, o ataque mais significativo, e de maior repercussão, foi em 2015, quando houve uma série de manifestações em defesa da liberdade de expressão, tanto na França quanto em outros países. O slogan “*Je suis Charlie*” (Eu sou Charlie) tornou-se um símbolo de solidariedade e resistência à violência e à tentativa de censura.

De acordo com reportagem do Blog Mário Magalhães¹⁰, do portal Uol Notícias, a Sociedade dos Jornalistas (SDJ), coletivo que representa 15 meios de comunicação, incluindo alguns dos mais importantes da França, como Le Monde, Le Figaro, Libération, Rádio France International, Agence France-Presse e a emissora TF1,; emitiu um comunicado conjunto condenando o que chamou de um “ato de terrorismo inqualificável”. O comunicado,

¹⁰ Disponível em

<<https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2015/01/07/vivam-os-cartunistas-3-o-amor-mais-forte-qu-e-o-odio>> acesso em 22 de outubro de 2022.

intitulado “*Nous sommes tous des Charlie*”, expressou solidariedade e apoio ao Charlie Hebdo após o trágico ataque.

O impacto foi duradouro na sociedade francesa e na forma como questões como liberdade de expressão, tolerância religiosa e segurança foram debatidas e abordadas. Também gerou reflexões sobre o papel dos meios de comunicação e dos cartunistas na sociedade contemporânea, além de destacar os desafios enfrentados pelos governos na prevenção de atos terroristas e na proteção da segurança pública.

Internacionalmente, o ataque à Charlie Hebdo provocou uma onda de solidariedade em todo o mundo, com líderes políticos e cidadãos expressando seu apoio à liberdade de expressão e condenando o terrorismo. Enquanto muitos líderes expressaram seu apoio e condenaram veementemente o ataque, houve um notável silêncio por parte dos Estados Unidos.

Uma reportagem publicada pelo Portal G1¹¹ mostra a reação internacional. A chanceler alemã, Angela Merkel, afirmou: "Um ataque que ninguém pode justificar contra a liberdade de imprensa e de opinião, é um fundamento de nossa cultura livre e democrática". Por meio do Twitter, o primeiro-ministro britânico, David Cameron, declarou: "Os assassinatos em Paris são repugnantes. Estamos com o povo francês na luta contra o terror e na defesa da liberdade de imprensa." (2015).

Figura 14 - Tweet publicado por David Cameron em solidariedade ao ataque



Fonte: Reprodução do Twitter

¹¹ Disponível em

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/veja-repercussao-do-ataque-revista-francesa-charlie-hebdo.html>> acesso em 22 de outubro de 2022

No Brasil, a então presidente, Dilma Rousseff, emitiu nota condenando o atentado.¹²

Foi com profundo pesar e indignação que tomei conhecimento do sangrento e intolerável atentado terrorista ocorrido nesta quarta-feira, 7 de janeiro, contra a sede da revista "Charlie Hebdo", em Paris. Esse ato de barbárie, além das lastimáveis perdas humanas, é um inaceitável ataque a um valor fundamental das sociedades democráticas - a liberdade de imprensa. (ROUSSEFF, Dilma, apud. G1, 2015)

O presidente francês, François Hollande, convocou uma manifestação massiva em Paris, conhecida como a Marcha Republicana, que contou com a presença de líderes internacionais. No dia 11 de janeiro de 2015, milhões de pessoas foram às ruas da capital francesa em resposta aos atentados à revista Charlie Hebdo e a um supermercado *kosher* em Paris.

Figura 15 - Foto da Marcha Republicana



Fonte: Portal G1

Estiveram presentes chefes de estado e de governo, como a chanceler alemã Angela Merkel, o primeiro-ministro britânico David Cameron, o primeiro-ministro italiano Matteo Renzi, o primeiro-ministro espanhol Mariano Rajoy, entre outros. Também participaram líderes de organizações internacionais, como o secretário-geral da ONU Ban Ki-moon, e representantes de diversas religiões. A marcha também foi destaque na mídia.

¹² Nota na íntegra disponível no Portal G1

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/dilma-se-diz-indignada-com-ataque-sangrento-sede-de-revista-em-paris.html>> Acesso em 10 de agosto de 2023.

Figura 16 - Captura de tela de reportagem sobre a marcha



Fonte: Reprodução do G1

Nas redes sociais as reações foram ainda mais imediatas. As *hashtags* *#JeSuisCharlie* (Eu sou Charlie) e *#JeNeSuisPasCharlie* (Eu não sou Charlie) se tornaram populares nas redes sociais, refletindo duas perspectivas distintas sobre o ataque e as charges publicadas pela revista.

Figura 17 - Redação da Agence France-Presse em Paris com hashtag em apoio ao jornal



Fonte: Agência AFP

A hashtag *#JeSuisCharlie* foi amplamente adotada como um gesto de solidariedade e apoio às vítimas do atentado, bem como um manifesto em defesa da liberdade de expressão.

Figura 18 - Cartaz com contra-hashtag que critica a abordagem do jornal



Fonte: France24

Por outro lado, a hashtag *#JeNeSuisPasCharlie* emergiu como uma resposta crítica ao conteúdo e à abordagem da revista Charlie Hebdo. Algumas pessoas a usaram para expressar sua discordância com as charges consideradas ofensivas, avaliando que elas ultrapassavam os limites da sátira e desrespeitavam crenças religiosas. Embora condenassem o ato de violência, elas argumentavam que a liberdade de expressão havia sido excedida.

As duas *hashtags* representaram uma divisão de opiniões e geraram debates intensos nas redes sociais. Enquanto os defensores de *#JeSuisCharlie* enfatizavam a importância da liberdade de expressão como um princípio fundamental da democracia, os apoiadores de *#JeNeSuisPasCharlie* argumentavam que a liberdade de expressão não deveria ser usada como um pretexto para incitar o ódio.

Essas *hashtags* também destacaram as diferentes perspectivas culturais e religiosas em relação à liberdade de expressão e à sátira. O debate sobre os limites do humor e a sensibilidade religiosa ganhou destaque.

2. O QUE É HUMOR?

A palavra humor, de acordo com o Dicionário Etimológico¹³, tem sua origem no termo latino "*umore*", que significa líquido. Essa origem está fundamentada na antiga teoria médica dos gregos, conhecida como medicina humoral. Essa teoria afirmava que o organismo humano funcionava por meio de quatro líquidos essenciais e quando esses líquidos estavam em equilíbrio, a pessoa era considerada saudável e, conseqüentemente, bem-humorada.

A origem da palavra é ponto de partida para o entendimento do conceito: a Grécia. É necessário revisitar os gregos. De acordo com Aristóteles:

A comédia [...] é a imitação dos homens inferiores; não, todavia, quanto a toda a espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe, que é o ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que sendo feia e disforme, não tem [expressão de] dor. (ARISTÓTELES, 1149a.c., 447)

O trecho citado acima acena para a teoria da superioridade de Aristóteles, que afirma que em toda instância de humor, há uma relação estabelecida entre um indivíduo frente a outro indivíduo ou determinada situação. Essa é a teoria em que se pode encontrar as raízes mais profundas dos estudos sobre o humor. A base desta teoria, como o nome diz, é o riso a partir da relação dicotômica entre um ser superior (quem ri) e um outro ser inferior (quem é o alvo) (ARISTÓTELES, 1149a.c., 447). É nessa teoria que encontramos embasamento para a análise feita mais adiante. A reflexão nos propõe uma questão: rimos do que o alvo da risada fez ou rimos simplesmente pelo que ele é?

Se a risada decorre de uma ação risível, não haveria problemas, uma vez que o humor é uma característica inerente ao ser humano, como argumenta o historiador francês George Minois.

O humor surge quando o homem se dá conta de que é estranho perante si mesmo; ou seja, o humor nasceu com o primeiro homem, o primeiro animal que se destacou da animalidade, que tomou distância em relação a si próprio e achou que era derrisório e incompreensível (MINOIS, 2003, p. 54).

A segunda possibilidade de resposta para esta pergunta requer uma análise mais profunda. Se a resposta para a pergunta for “não”, o riso é, provavelmente, proveniente de

¹³ Disponível em <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/humor/>>. Acesso em agosto de 2023

uma característica pessoal, identidade ou de algo que define esse indivíduo como ser. Isso é efeito de preconceito.

A noção de preconceito está associada ao julgamento ou atitudes que podem influenciar e levar um indivíduo à intolerância, negação, desvalorização e não aceitação de opiniões, atitudes, crenças e comportamentos diferentes dos seus, resultando em uma reação de desprezo ou até mesmo violência em relação ao "outro". O preconceito, em suas diversas manifestações, é o fomentador mais eficaz da discriminação, exclusão e violência.

Essa compreensão é respaldada pelas afirmações de Leite (2008, p. 27), que define o preconceito como "um fenômeno que ocorre quando um indivíduo discrimina ou exclui outro, baseando-se em concepções equivocadas originadas de hábitos, costumes, sentimentos ou impressões".

Em 2009, foi publicado um livro intitulado "Piadas sobre meninas (para os meninos lerem)", escrito por Paul Hassada. Segundo uma publicação do site R7¹⁴ em 2015, o autor é um *ghost-writer*, ou seja, um escritor-fantasma, cuja identidade não foi revelada. O livro consiste em uma compilação de piadas com teor machista e misógino sobre o feminino. Uma das piadas que causaram polêmica, conforme reportado na matéria, era a seguinte: "Por que a Estátua da Liberdade é uma mulher? Porque eles precisavam de uma cabeça oca para colocar o mirante". Essa piada, como outras presentes no livro, foi considerada ofensiva.

Figura 19 - Capa do livro “Piadas sobre Meninas (para os meninos lerem)”



Fonte: Portal R7

¹⁴ Disponível em

<<https://noticias.r7.com/cidades/livro-de-piadas-que-chama-mulheres-de-cabeca-oca-causa-revolta-nas-redes-sociais-11112015>> Acesso em: 25 de outubro de 2022

Essa obra levantou questões sobre o conteúdo humorístico. A divulgação de piadas que reforçam estereótipos e discriminam um grupo específico de pessoas, no caso as mulheres, foi criticada. A controvérsia em torno desse livro ressaltou a importância de uma reflexão crítica sobre o humor. A editora classificou como “infelicidade” a publicação do livro, de acordo com reportagem publicada na Veja.¹⁵

Figura 20 - Manchete da Veja sobre reações do livro infantil



Fonte: Reprodução Veja

Este é um exemplo simples, mas que expressa bem a questão da superioridade descrita por Aristóteles. Neste exemplo, a piada é endereçada no título do livro para meninos, o que indicaria uma superioridade masculina, reforçada pelo autor. O riso tem origem no fato do alvo ser mulher, logo, nada o alvo fez para ser o motivo da risada de um indivíduo machista.

Ao analisar essas charges publicadas pelo Charlie Hebdo sob a perspectiva da teoria da superioridade do humor, podemos perceber que elas se baseiam na relação de superioridade entre os cartunistas e seus alvos. Os cartunistas - já que falam de alguma posição social - e seu público são aqueles que riem, que possuem a voz e o poder de criar essas representações satíricas, enquanto os alvos são retratados de forma humorística e muitas vezes caricatural, colocados em uma posição inferior.

Aristóteles (1149 a.C) via o humor como uma forma de crítica social e política. Ele argumentava que a comédia poderia revelar as deficiências da sociedade, expondo os vícios e

¹⁵ Disponível em

<<https://veja.abril.com.br/cultura/livro-infantil-acusado-de-machismo-foi-infelicidade-diz-editora>> Acesso em: 25 de outubro de 2022

as incongruências humanas de uma maneira engraçada. Além disso, enfatizava a importância da estrutura e da habilidade técnica na comédia.

O riso desempenha um papel central na arte do humor. De acordo com Monois, o objetivo primordial da comédia é proporcionar ao público uma pausa em suas preocupações e aliviar seus medos. “A comédia tem por função, em primeiro lugar, permitir ao público esquecer por um tempo suas inquietudes e espantar seus temores, apresentando-lhe um universo em que a ordem sempre acaba por restabelecida” (2003, p.34).

O humor, dessa forma, busca oferecer um refúgio temporário da inquietação, permitindo que as pessoas encontrem conforto e distração na comichão que, por sua vez, atua como um bálsamo para a mente.

2.1 O humor como forma de contestar o *status quo*

A origem da palavra caricatura remonta ao italiano "*caricare*", que significa carregar ou exagerar. Essa etimologia encontra eco na própria essência da caricatura, que consiste em uma forma artística que busca, de forma deliberada, ridicularizar, criticar ou satirizar. Nas palavras de Melo (2003), a caricatura pode ser classificada em duas definições distintas.

A primeira definição refere-se à caricatura propriamente dita, na qual o artista retrata uma figura humana com traços proeminentes, acentuando características físicas e de personalidade de forma exagerada. Por meio dessa técnica, o artista muitas vezes enfatiza aspectos específicos de uma pessoa ou personagem, ressaltando suas peculiaridades e, ao mesmo tempo, conferindo-lhes um tom cômico ou satírico.

A segunda definição é a caricatura genérica, que engloba uma variedade de formas de expressão artística. Nesses diferentes estilos, a caricatura assume papéis diversos, sendo usada para entretenimento, comentários políticos, críticas sociais ou até mesmo para transmitir mensagens filosóficas. Através da arte da caricatura, os artistas conseguem capturar as nuances da sociedade, revelando suas facetas mais marcantes, sejam elas humorísticas ou satíricas.

Especificamente, a caricatura é a representação da fisionomia humana com características grotescas, cômicas ou humorísticas [...] Retrato humano ou de objetos que exagera ou simplifica traços, acentuando detalhes ou ressaltando defeitos. Sua finalidade é suscitar risos, ironia. Trata-se de um retrato isolado [...] Genericamente, significa a forma de expressão artística através do desenho que tem por fim o humor (MELO, 2003, p. 167).

Conforme a visão de Melo, a charge é uma forma de expressão artística que tem como propósito fazer uma "crítica humorística" a um fato ou evento específico. Nesse contexto, ela

utiliza uma representação gráfica para ilustrar uma notícia previamente conhecida pelo público, mas sob a perspectiva única do desenhista.

É essencial destacar que a charge, por ser produzida através da ótica pessoal do desenhista, carrega consigo uma dose de subjetividade e opinião. Semelhante aos editoriais e comentários, ela não se enquadra nos gêneros informativos tradicionais, como as notícias objetivas e reportagens, que buscam apresentar os fatos de maneira neutra e imparcial.

O artista por trás da charge utiliza de sua habilidade gráfica e senso de humor para transmitir uma mensagem ou perspectiva sobre o tema em questão. Através de traços caricaturais, símbolos e metáforas visuais, a charge busca impactar o público, fazendo-o refletir, rir ou questionar a realidade de maneira satírica e irônica, como é o caso da imagem abaixo.

Figura 21 - Charge crítica da Mafalda sobre desemprego



Fonte: Revista Galileu / Globo

Freud também tratou do assunto em sua bibliografia. Em “O Humor” (1927), disse que o artefato poderia ser utilizado para tratar de temas macabros, trágicos ou tabus. O psicanalista do século XX via o humor como um mecanismo de defesa, uma maneira de lidar com a ansiedade e aliviar a pressão psicológica. Ele argumentava que, por meio do humor, podemos expressar pensamentos e desejos inaceitáveis de forma disfarçada, permitindo-nos liberar a tensão emocional associada a essas ideias. De acordo com o psicanalista (1927), “o humor não é resignado, mas rebelde”.

Uma das principais teorias de Freud sobre o humor é a teoria do chiste, na qual ele explora os elementos que tornam uma piada engraçada. Para Freud (2008, apud. Silva, p. 25), o humor está intimamente ligado ao inconsciente e aos desejos reprimidos. Ele sugeriu que as piadas muitas vezes envolvem temas como sexualidade, agressão e tabus sociais, permitindo que essas questões sejam abordadas de forma indireta e segura.

O humor desempenha um papel importante na sociedade, tanto no cotidiano das pessoas como nas diversas formas de mídia jornalística, como jornais impressos, telejornais e outras plataformas de notícias. O humor atua como um mecanismo que suaviza a entrega da informação ao receptor, contribuindo para a compreensão dos fatos e a maneira como lidamos com eles.

Dentro do campo do jornalismo - que, importante ressaltar, não é neutro -, a caricatura desempenha um papel significativo. No entanto, outras formas de humor gráfico, como cartuns, quadrinhos, desenhos de humor e charges, também se enquadram nesse gênero opinativo. Essas formas de expressão visual e textual têm como objetivo transmitir mensagens e opiniões por meio de representações humorísticas e satíricas.

Figura 22 - Charge sobre a violência policial



Fonte: Ponte Jornalismo

A caricatura, em particular, utiliza a distorção e exagero de traços físicos ou características de personalidades para transmitir críticas sociais e políticas. Por meio de sua natureza visualmente marcante, a caricatura tem o poder de chamar a atenção do público, provocar reações e estimular o debate sobre questões relevantes da sociedade.

Figura 23 - Capa de A Gazeta com caricaturas de Dilma Rousseff e Aécio Neves



Fonte: Blog do Amarildo

A utilização do humor como uma forma de informação tem se tornado cada vez mais comum. Para compreender como o humor é empregado no jornalismo, é importante analisar a estrutura dessa ferramenta. De acordo com Silva (2008, p. 10), a linguagem humorística apresenta características baseadas no pensamento clássico - como exposto anteriormente através dos pensamentos de Aristóteles, por exemplo. Essas características são as seguintes: ausência do medo ou piedade, exagero, o inusitado, a metáfora e a noção de superioridade.

A ausência do medo ou piedade se refere à capacidade do humor de nos fazer rir e nos desviar temporariamente das preocupações e tensões do dia a dia. Ele proporciona um alívio cômico ao permitir que enfrentemos os desafios de forma mais leve.

O exagero é uma das estratégias utilizadas pelo humor para despertar o riso. Ao ampliar características, situações ou ideias, o humor cria um efeito de surpresa e humorístico que nos faz enxergar as coisas de maneira distorcida e divertida.

O elemento do inusitado também desempenha um papel fundamental no humor. Ao apresentar algo fora do esperado, o humor nos surpreende e nos faz perceber o mundo de uma forma nova e inesperada.

A metáfora é uma figura de linguagem frequentemente utilizada no humor para criar associações e comparações inusitadas. Ela permite que o humor faça críticas de maneira indireta, transmitindo mensagens de forma criativa e simbólica.

Por fim, a noção de superioridade no humor refere-se à habilidade de ridicularizar ou satirizar certos indivíduos, instituições ou comportamentos. Esse aspecto do humor envolve um jogo de poder, em que o humorista se coloca em uma posição de superioridade para fazer críticas e provocar reflexões.

No contexto do satírico francês, o humor desempenhou um papel central em suas publicações. Através de seu estilo provocativo, o Charlie Hebdo buscou abordar questões sensíveis e controversas, muitas vezes desafiando as normas estabelecidas e questionando figuras de poder. O jornal empregava uma linguagem visual e textual que se destacava por sua natureza transgressora e pelo desafio às convenções sociais e políticas.

Figura 24 - Capa do Charlie Hebdo que critica a ex-candidata Marine Le Pen



Fonte: Folha de S. Paulo

Na imagem acima, a ex-candidata de extrema direita ao Palácio do Eliseu, Marine Le Pen, é retratada dizendo “Estou raspando o bigode” - em referência gráfica ao bigode de Adolf Hitler.

Apesar de impactante, é importante ressaltar que a utilização do humor como forma de crítica também pode gerar controvérsias. O caráter subjetivo do humor pode levar a interpretações diversas e mesmo à ofensa. Após o atentado de 2015, foi este o gancho para as discussões que afloraram sobre liberdade de expressão.

3. AS CONTROVÉRSIAS DO CASO CHARLIE HEBDO A PARTIR DA TEORIA ATOR-REDE

Redes sociais na internet, entendidas aqui também como instrumentos de mediação, podem configurar novos espaços de discussão e aprendizagem, proporcionando difusão de conhecimento, ideias e opiniões - esse é o principal tópico a ser analisado; são as opiniões as geradoras de controvérsias - além de outras conexões situadas para além dos contratos estabelecidos pelos meios tradicionais de comunicação.

Curiosamente, alguns eventos fluem entre as zonas de convergência offline e online, sendo transportados de situações de repercussão coletiva - através da mídia massiva - para as páginas pessoais da internet - que são de interesse pessoal, ou ao menos, de interesse daqueles que se propõem a ler aquilo que foi escrito.

O trabalho aqui apresentado - que tem início com o monitoramento de uma rede de conexões rastreadas a partir do atentado à redação do Charlie Hebdo - busca identificar principais controvérsias ao observar conversas entre indivíduos, compartilhamentos, ações virtuais coletivas, no Twitter. Para tanto, a Teoria Ator- Rede (TAR) é utilizada. O principal expoente dessa teoria é o antropólogo, sociólogo e filósofo francês, Bruno Latour.

Latour prefere falar em “coletivo” ao invés de “sociedade” - isso para que seja possível agrupar outros elementos não-humanos neste mesmo meio de convívio. O pensamento latouriano não pode ser inserido em uma disciplina compartimentalizada - como a sociologia, a antropologia ou a filosofia - porque faz, justamente, uma análise crítica maior do que esses conceitos isolados. A TAR é proposta por Latour, em colaboração posterior com outros pesquisadores, na década de 80. Há tão pouco tempo atrás as relações humanas eram atravessadas por menos dispositivos eletrônicos conectados entre si - e que conectam indivíduos uns aos outros e entre os próprios dispositivos. É justamente este pensamento que faz com que Latour insira esses seres inanimados - mas com alto potencial de influência - no que prefere, então, chamar de “coletivo”.

A interação com as telas, que estão a cada dia mais acessíveis - e ainda mais interativas - complexifica as relações humanas e não humanas.

Santaella (2007) diz em seu texto que a definição mais genérica de “interface” refere-se à conexão humana com as máquinas e mesmo à entrada humana em um ciberespaço que se auto contém.

Por fazer parte de uma rede global, com conexões infinitas, e tornando-se cada vez mais complexa pelo seu crescimento a todo momento, somos influenciados diretamente por essa ecologia virtual. Ela decide o que vamos ver, e consequentemente, interfere em nossas decisões e pensamentos no cotidiano, o que justifica um novo pensamento, proposto por Latour sobre o meio social, rompendo com os conceitos mais tradicionais de sociedade.

Humanos comunicam. E as coisas também. E nos comunicamos com as coisas e elas nos fazem fazer coisas, queiramos ou não. E fazemos as coisas fazerem coisas para nós e para as outras coisas. O que eles, os não-humanos, nos fazem fazer, ganha, a cada dia, não só maior abrangência, invadindo todas as áreas da vida cotidiana, como também maior poder prescritivo (LEMOS, 2013, p. 19-20).

3.1 Intermediários e actantes na dinâmica das redes sociais

A TAR propõe uma linguagem própria, com conceitos próprios. Um dos conceitos fundamentais da Teoria Ator-Rede é o de "intermediários". Na TAR, intermediários são elementos que conectam diferentes atores em uma rede. Esses intermediários podem ser humanos, objetos técnicos, instituições, ideias ou até mesmo animais e fenômenos naturais. Eles desempenham um papel crucial na formação e manutenção das redes, mediando relações entre diferentes atores. Sob essa perspectiva, podemos analisar o ataque à redação de Charlie Hebdo como uma complexa rede de atores humanos e não-humanos que desempenharam papéis significativos.

Intermediário é uma noção complementar a de actante. Ele não media, não produz diferença, apenas transporta sem modificar. Ele transporta (leva de um lugar a outro no espaço), mas não transforma, *immutable* mobile. Ele circula sem mexer nem no espaço, nem no tempo. Ele não é um actante, mas pode vir a ser. (LEMOS, 2013, pag. 46)

Do lado dos atores humanos, temos os perpetradores do ataque, que eram membros do grupo extremista islâmico Al-Qaeda na Península Arábica (AQAP). Esses indivíduos planejaram e executaram o ataque, visando os funcionários do Charlie Hebdo, incluindo jornalistas, cartunistas e outros membros da equipe. Esses funcionários estavam envolvidos na produção e publicação de conteúdo considerado ofensivo por grupos extremistas.

A resposta ao ataque envolveu uma série de atores humanos, incluindo as forças policiais que responderam ao incidente. Agentes de segurança pública, juntamente com unidades especializadas como a Gendarmerie Nationale e a Polícia Nacional da França. Além disso, os políticos desempenharam papéis importantes na resposta ao ataque, tomando decisões, coordenando esforços de segurança e prestando assistência às vítimas e, claro, contribuindo para as discussões levantadas.

O ataque ao Charlie Hebdo também desencadeou uma onda de manifestações em solidariedade à revista e em defesa da liberdade de expressão. Indivíduos de diferentes partes do mundo se manifestaram publicamente, expressando apoio ao Charlie Hebdo e condenando o ataque. Esses manifestantes desempenharam um papel de expressão coletiva de apoio e na criação de um espaço para discussões sobre a importância da liberdade de expressão em sociedades democráticas.

No âmbito mais amplo, o público em geral também foi afetado pelo ataque e suas consequências. Leitores do Charlie Hebdo, bem como cidadãos que se identificaram emocionalmente com o evento, reagiram ao ataque e participaram dos debates subsequentes sobre liberdade de expressão, religião e extremismo. Essa interação e engajamento do público foram essenciais para a compreensão e o diálogo em torno das questões levantadas pelo ataque.

Além dos atores humanos, a rede do ataque ao Charlie Hebdo também incluiu atores não-humanos. Dispositivos tecnológicos, como *smartphones*, computadores e *tablets*, desempenharam um papel fundamental na disseminação das informações sobre o ataque, como Lemos (2013) descreveu os intermediários.

As pessoas puderam acessar notícias, vídeos e relatos relacionados ao incidente por meio desses dispositivos, permitindo que o evento se propagasse rapidamente e alcançasse um público mais amplo. Além disso, esses dispositivos também permitiram que as pessoas se engajassem em discussões online sobre o ataque, compartilhando opiniões, reações e informações adicionais.

As redes sociais desempenharam um papel significativo na disseminação e no debate em torno do ataque ao Charlie Hebdo. Plataformas como Facebook, Twitter, Instagram e outras se tornaram espaços onde as pessoas compartilharam informações, expressaram solidariedade, debateram e trocaram opiniões sobre o evento. *Hashtags* relacionadas ao ataque - *#JeSuisCharlie* e *#JeNeSuisPasCharlie* - se tornaram tendências, permitindo que usuários se conectassem e engajassem em conversas em tempo real.

3.2 A tradução como ferramenta de construção de pontes

Outro conceito chave na TAR é o de "tradução". Tradução refere-se ao processo pelo qual os atores, sejam eles humanos ou não-humanos, articulam seus interesses, significados e ações para se tornarem mutuamente compreensíveis e capazes de colaborar. É a "construção de pontes". A tradução é uma prática que envolve negociação, ajuste e transformação mútua

de elementos entre os atores envolvidos. Diversos atores e instituições se envolveram na tradução de interesses, significados e ações. Os meios de comunicação, por exemplo, atuaram como mediadores ao relatar e interpretar o evento, moldando a percepção pública e a narrativa do ataque.

Tradução, mediação, comunicação é toda ação que um actante faz a outro, implicando aí estratégias e interesses próprios na busca da estabilização futura da rede ou da resolução da estratégia ou do objetivo. Ela é uma operação semiótica entre actantes modificando ambos a partir de interesses específicos. (LEMOS, 2013, p.48)

A tradução refere-se ao processo pelo qual os atores tornam seus interesses, significados e ações mutuamente compreensíveis e capazes de colaborar. No contexto do atentado ao Charlie Hebdo, a tradução envolveria a negociação, ajuste e transformação mútua de elementos entre os diferentes atores envolvidos, como a articulação de objetivos políticos e religiosos, bem como as respostas das autoridades, da imprensa e da sociedade em geral.

Tradução, ou mediação, é um conceito que remete para comunicação e transformações dos actantes, bem como para a constituição das redes. É a ação principal e, por isso, a TAR é chamada também de "sociologia da tradução". Tudo é mediação. O tempo, o espaço, ou o ser, como vimos no início deste capítulo. O conceito vem dos trabalhos de Michel Serres e significa relações que implicam sempre em transformação, comunicação, comunidade, no sentido principal dessa palavra, como causa, como o comum, a política. Ela não pode ser reduzida, nem à interação causal dos objetos, nem às intenções autônomas dos sujeitos. Ou há mediação, ou não há nada. (LEMOS, 2013, p.48)

Em termos de percepção do público, o atentado despertou debates sobre os limites da liberdade de expressão e os direitos individuais. Houve discussões sobre o papel dos meios de comunicação na representação de questões sensíveis e a responsabilidade dos jornalistas em relação ao conteúdo que produzem. Além disso, o evento gerou reflexões sobre a tolerância religiosa e os desafios de convivência em uma sociedade multicultural. A mídia foi importante para traduzir todo o momento, a partir de uma interpretação.

No que diz respeito às políticas de segurança, o atentado levou a uma revisão dos protocolos e estratégias de combate ao terrorismo. As autoridades passaram a reavaliar as ameaças e a adotar medidas mais rigorosas para prevenir futuros ataques.

Através da análise desses debates e transformações, é possível perceber como o atentado ao Charlie Hebdo não apenas desencadeou uma resposta imediata, mas também influenciou a maneira como as pessoas pensam e se posicionam em relação a questões importantes.

3.3 O papel da inscrição na construção de identidades e realidades sociais

A inscrição é um conceito fundamental para compreender o papel dos artefatos técnicos nas redes sociais. Refere-se ao processo pelo qual esses objetos técnicos são incorporados e participam ativamente nas interações entre os atores envolvidos. É a agregação de valor.

Os objetos técnicos são elementos tangíveis, como ferramentas, dispositivos eletrônicos, sistemas e infraestruturas, bem como elementos intangíveis, como protocolos e algoritmos. Eles desempenham um papel ativo na construção e manutenção das relações entre os atores dentro de uma rede social.

Ao serem "inscritos" nas redes de ação, esses artefatos técnicos adquirem significados, funções e relações específicas. Eles se tornam parte integrante do contexto social e influenciam as interações entre os atores envolvidos.

A inscrição de objetos técnicos ocorre em diferentes níveis. Em um nível individual, as pessoas podem incorporar dispositivos como smartphones ou laptops em suas práticas diárias de comunicação e interação social. Esses dispositivos não apenas fornecem meios para se conectarem com outras pessoas, mas também moldam as formas como se comunicam e interagem.

É uma forma de mediação e de tradução no qual a associação se define a partir de "scripts", de escritas em dispositivos os mais diversos (uma máquina, um gráfico, uma lei, um mapa...) fazendo com que a ação seja sempre fruto de hibridismo e de produção de resultados (de ficções) e não de "descobertas" de leis latentes. Toda produção de verdade é uma inscrição de alguma forma, produção de um rastro. Assim sendo, tudo é construído e produzido, seja por instrumentos técnicos, por especialistas, por textos. (LEMOS, 2013, p.50)

Em um nível mais amplo, a inscrição envolve a incorporação de sistemas e infraestruturas técnicas em uma rede social. Por exemplo, as redes de comunicação, como a Internet, desempenham um papel central na formação e estabilização das relações sociais em escala global. A forma como as pessoas se comunicam, compartilham informações e constroem identidades online é moldada por essas redes de infraestrutura técnica.

O jornal utilizava como objeto técnico principal o próprio veículo de comunicação, ou seja, o jornal impresso. Esse objeto técnico era inscrito nas redes de ação por meio da sua distribuição, venda e compartilhamento.

O jornal, ao publicar charges e sátiras sobre questões políticas, religiosas e sociais, incorporava um artefato técnico que se tornava um catalisador para o debate público. Ele

desempenhava um papel ativo na formação das relações entre os atores envolvidos, como os leitores, os colaboradores e os críticos.

A inscrição dos objetos técnicos também se manifestou na resposta da sociedade. As pessoas utilizaram as redes sociais e a internet para expressar solidariedade, compartilhar mensagens de apoio e participar de manifestações. Novos objetos técnicos, como hashtags e símbolos, foram inscritos nas redes de ação, permitindo a mobilização e a organização coletiva em torno de debates levantados pelo atentado.

3.4 Ontologia plana: Humanos e não humanos são importantes no caso

A abordagem da Teoria Ator-Rede (TAR) propõe uma ontologia plana, também conhecida como simetria ontológica, onde humanos e não-humanos são considerados igualmente relevantes na análise das redes sociais. Ao contrário de outras abordagens que tendem a privilegiar os humanos como os únicos agentes de ação significativa, a TAR enfatiza a importância de considerar todos os atores, sejam eles humanos ou não-humanos, como igualmente influentes na formação e transformação das redes sociais. De acordo com Lemos “É o pressuposto de que se deve dar a mesma importância a sujeitos e objetos, mais ainda, deve-se tomá-los, propõe Serres, como ‘quase-sujeitos’ e ‘quase-objetos’. Assim, actantes humanos e não- humanos estão no mesmo plano.”(2013, p.52)

Na perspectiva da TAR, os atores humanos e não-humanos são vistos como entidades que possuem agência, ou seja, a capacidade de realizar ações e influenciar o ambiente ao seu redor. Esses atores podem incluir não apenas pessoas, mas também objetos, instituições, tecnologias e até mesmo ideias. A TAR argumenta que todos esses atores desempenham papéis ativos e contribuem para a construção e configuração das redes sociais.

Essa abordagem desafia a ideia tradicional de que os humanos são os únicos agentes importantes na análise das redes sociais. Em vez disso, a TAR propõe que os não-humanos também desempenham um papel fundamental na constituição e dinâmica das redes. Por exemplo, tecnologias como a internet, smartphones e redes sociais *on-line* têm um impacto significativo na forma como nos conectamos e interagimos, influenciando as relações sociais e a estrutura das redes.

A TAR rompe com a dicotomia entre o social e o material, considerando-os como elementos entrelaçados e indissociáveis. Essa abordagem permite uma compreensão mais ampla e completa das redes sociais, levando em consideração tanto os fatores humanos quanto os não-humanos.

No caso específico de Charlie Hebdo, isso significa considerar não apenas os perpetradores do ataque e as vítimas humanas, mas também outros atores e fatores que contribuíram para esse episódio.

Os atores humanos, como os terroristas, são vistos como agentes que exercem ações. Suas motivações, crenças religiosas, interações sociais e decisões individuais desempenharam um papel importante no planejamento e na execução do ataque. No entanto, a TAR também enfatiza a importância de incluir os atores não-humanos na análise. Isso pode englobar o papel da mídia na cobertura dos eventos e repercussão deles nas redes sociais.

3.5 O papel das redes na construção de significados e realidades sociais

No contexto da TAR, uma rede é definida como um conjunto de atores (humanos e não humanos) que estão interligados por uma série de relacionamentos e interações. “Rede não é por onde as coisas passam, mas aquilo que se forma na relação (mediação, tradução) das coisas. É o espaço e tempo.” (LEMOS, 2013, p. 54) Esses atores podem incluir pessoas, objetos técnicos, instituições, ideias, organizações e até mesmo entidades abstratas. Essas redes são caracterizadas por fluxos de ação, comunicação e influência entre os atores. Os atores podem se relacionar de várias maneiras, como por meio de interações diretas, transferência de informações, troca de recursos ou até mesmo disputas de poder. A TAR busca analisar essas interações e entender como elas moldam e transformam as redes ao longo do tempo.

É o próprio "espaço-tempo". É, ou era até recentemente (LATOUR, 2012a), o conceito-chave que remete às formas de associações entre os actantes e intermediários definindo a relação (ou mediação, ou tradução ou inscrição) entre eles. A rede é o próprio movimento associativo que forma o social. Ela é circulação, a inscrição de influências de actantes sobre actantes, tradução, mediação até a sua estabilização como caixa-preta. A rede constitui o espaço e o tempo na mobilidade das traduções e na fixação das estabilizações e pontualizações. (LEMOS, 2013, p. 53)

A teoria desafia a dicotomia tradicional entre "sociedade" e "tecnologia", argumentando que ambos são entrelaçados e co-constituídos nas redes. Além disso, a TAR também destaca a importância do contexto e da historicidade na análise das redes. As redes não são estruturas fixas, mas evoluem e se transformam ao longo do tempo. A TAR investiga como novos atores são incorporados às redes, como os relacionamentos são estabelecidos e mantidos, e como as redes podem se desfazer ou se reconfigurar em resposta a mudanças no ambiente.

3.6 Diálogos e discussões *on-line* a partir de controvérsias

A controvérsia surge quando diferentes atores na rede têm interesses, objetivos ou perspectivas conflitantes. Esses conflitos podem ser ocasionados por uma série de fatores, como diferenças de poder entre os atores envolvidos, divergências de valores e crenças, discrepâncias de conhecimento ou outras dimensões sociais, políticas ou econômicas.

A análise das controvérsias é uma ferramenta crucial na compreensão das dinâmicas das redes e como elas se transformam ao longo do tempo. De acordo com o autor, “é o lugar e o tempo da observação, onde se elaboram as associações e o "social" aparece antes de se congelar ou se estabilizar em caixas-pretas. A visibilidade da rede se dá nas controvérsias” (LEMONS, 2013, p.54). Através dessa análise, é possível identificar como os atores se relacionam, como as negociações são realizadas e como lutas por poder, influência e recursos podem ocorrer dentro da rede.

A controvérsia não é vista como um obstáculo ou algo negativo, mas sim como uma oportunidade para compreender os processos de construção da rede, bem como as mudanças e transformações que ocorrem nesse contexto.

O ataque ao jornal satírico francês foi motivado por uma série de fatores, incluindo diferenças culturais, religiosas e políticas, que geraram um conflito entre os valores da liberdade de expressão e o respeito às crenças religiosas. Os responsáveis pelo atentado, que se identificavam com ideologias extremistas islâmicas, acreditavam que o conteúdo publicado pelo Charlie Hebdo era blasfemo e ofensivo ao Islã. Por outro lado, defensores da liberdade de expressão argumentaram que a sátira e a crítica social são elementos essenciais da democracia e devem ser protegidos.

Um aspecto importante da controvérsia em torno do atentado ao Charlie Hebdo foi a emergência dos slogans "*Je Suis Charlie*" e "*Je Ne Suis Pas Charlie*". Essas expressões capturaram as diferentes perspectivas e posições adotadas pelas pessoas diante do evento.

A hashtag "*Je Suis Charlie*" ("Eu sou Charlie") estava em defesa da liberdade de expressão. Milhares de pessoas em todo o mundo adotaram esse lema em apoio ao Charlie Hebdo e à sua postura de desafiar convenções e criticar figuras poderosas, independentemente das consequências.

Por outro lado, o slogan "*Je Ne Suis Pas Charlie*" ("Eu não sou Charlie") refletiu uma visão crítica em relação ao conteúdo publicado pelo jornal satírico. Algumas pessoas sentiram que certas charges e caricaturas eram ofensivas, irresponsáveis ou mesmo racistas, e não se identificaram com a postura editorial do Charlie Hebdo. O slogan expressou a divergência e a

recusa em se associar às publicações do jornal, ao mesmo tempo em que rejeitava qualquer forma de violência como resposta.

As duas *hashtags* encapsularam as diferentes posições em relação à controvérsia, refletindo a complexidade das discussões sobre liberdade de expressão, respeito às crenças religiosas e os limites da sátira e da crítica. Elas ilustraram a tensão entre a defesa dos princípios fundamentais da liberdade de expressão e as sensibilidades culturais e religiosas.

As controvérsias se estenderam e envolveram uma ampla gama de atores, como políticos, líderes religiosos, grupos de direitos humanos e o público em geral. Cada um desses atores possuía interesses e perspectivas divergentes, o que resultou em debates acalorados e até mesmo em tensões sociais.

A análise das controvérsias revela como os atores envolvidos mobilizaram suas posições, buscando apoio, influência e poder na defesa de seus interesses e perspectivas. Políticos utilizaram o atentado como plataforma para discutir questões de segurança nacional e imigração. Líderes religiosos tentaram conciliar a liberdade de expressão com os princípios religiosos. Organizações de direitos humanos enfatizaram a importância de garantir tanto a liberdade de expressão quanto o respeito aos direitos religiosos.

3.7 A dinâmica das caixas-pretas sociais no caso Charlie Hebdo

A noção de "caixa-preta" é comumente usada para descrever sistemas ou objetos que não são facilmente compreendidos. Essas caixas-pretas podem ser encontradas em diferentes contextos, como tecnologia, organizações, instituições sociais, processos políticos, entre outros.

A estabilidade da caixa-preta se refere à capacidade de um sistema ou objeto opaco permanecer inalterado ou inacessível ao longo do tempo. Em outras palavras, é a tendência de uma caixa-preta em se manter fechada e resistir à análise ou compreensão. Isso pode ocorrer por várias razões. Por vezes, é resultado de intencionalidade por parte dos atores envolvidos, que podem ter interesse em manter certas informações ou processos ocultos para preservar poder, controle ou privilégios. Também pode ser devido a complexidade intrínseca do sistema, tornando difícil sua decodificação ou abertura.

É a estabilização (uma organização, um artefato, uma lei, um conceito) e a resolução de um problema. Após a resolução da controvérsia, tudo se estabiliza, passa para um fundo e desaparece, até o momento em que novos problemas apareçam e a rede se torne mais uma vez visível. (LE MOS, 2013, p. 55)

Na TAR, as caixas-pretas são vistas como entidades que podem e devem ser abertas e compreendidas. Em vez de considerar essas caixas-pretas como inacessíveis ou insondáveis, a teoria busca desvendar sua estrutura e funcionamento interno por meio da análise das atividades e das relações sociais que as envolvem.

A TAR se baseia na ideia de que as caixas-pretas são construídas e mantidas por uma rede de atores que interagem e se relacionam entre si. Ao investigar essas relações, a TAR procura identificar os diferentes atores envolvidos, suas interações, os recursos mobilizados, as restrições enfrentadas e os resultados produzidos. Essa análise permite desvendar as dinâmicas que sustentam as caixas-pretas, revelando seus mecanismos internos e os interesses e poderes envolvidos.

A perspectiva da TAR argumentaria que a caixa-preta do ataque ao Charlie Hebdo pode ser desvendada e compreendida por meio de uma investigação cuidadosa das redes de atividades e das relações entre os atores envolvidos. Em vez de encarar o ataque como um evento isolado ou atribuí-lo apenas a indivíduos radicalizados, a TAR busca examinar as conexões e influências que contribuíram para sua ocorrência.

Ao abrir essa caixa-preta, a TAR pode fornecer pistas sobre os fatores complexos que contribuíram para o ataque ao Charlie Hebdo. Essa compreensão mais abrangente pode ajudar a informar ações preventivas e políticas públicas para combater a radicalização, melhorar a segurança e promover a liberdade de expressão.

3.8 A noção de "essência" na Teoria Ator-Rede

A noção de "essência" é objeto de questionamento e debate na Teoria Ator-Rede. Enquanto abordagens tradicionais tendem a buscar uma essência fixa e pré-determinada dos atores, a TAR propõe uma perspectiva diferente. De acordo com a teoria, os atores não possuem uma essência intrínseca e imutável, mas são construídos e moldados por meio de suas interações em redes sociais, tecnológicas e institucionais.

A TAR enfatiza a importância das relações e conexões que os atores estabelecem em seu ambiente. Essas interações são fundamentais para entender como os atores adquirem poder, influência e agência dentro de uma rede. Os atores não são vistos como entidades estáticas, mas como entidades em constante transformação, cujas identidades e capacidades são coletivamente produzidas nas redes em que estão inseridos.

Nesse sentido, a TAR desafia a ideia de uma essência fixa e pré-determinada dos atores. Em vez disso, a teoria destaca a fluidez e a mutabilidade das identidades e capacidades

dos atores. Essa perspectiva implica reconhecer que as interações e relações são centrais na configuração das características e ações dos atores.

O caso do atentado ao Charlie Hebdo e as reações subsequentes, como o movimento "*#JeSuisCharlie*" e o contra-movimento "*#JeNeSuisPasCharlie*", podem ser analisados à luz da teoria. A TAR nos ajuda a compreender como essas manifestações e posicionamentos são construídos e moldados por meio das interações em redes sociais e políticas.

O movimento "*JeSuisCharlie*" surgiu como uma expressão de solidariedade e defesa da liberdade de expressão após o ataque ao Charlie Hebdo. Através de *hashtags*, manifestações e compartilhamentos nas redes sociais, indivíduos e grupos mostraram seu apoio à revista e aos valores que ela representava. Essa mobilização *on-line* criou uma rede de atores interconectados, reforçando a identidade coletiva do movimento.

No entanto, como em muitos casos, houve também uma reação contrária representada pelo movimento "*#JeNeSuisPasCharlie*" ("Eu não sou Charlie"). Esse contra-movimento surgiu como uma crítica à revista e às suas charges consideradas ofensivas e provocativas. Os atores envolvidos no "*#JeNeSuisPasCharlie*" argumentaram que a liberdade de expressão não deveria ser usada para disseminar conteúdo considerado ofensivo ou prejudicial.

Os dois movimentos refletem a natureza construída dos atores na TAR. Os indivíduos e grupos envolvidos nessas manifestações não possuem uma essência intrínseca fixa, mas são produzidos e transformados por meio das relações e interações que estabelecem nas redes sociais e políticas. Suas posições e identidades são moldadas pelas conexões que estabelecem e pelas narrativas que emergem dentro dessas redes.

A TAR nos lembra que essas reações não surgiram isoladamente, mas foram influenciadas por diversos fatores contextuais, como a história, a cultura, as crenças políticas e as dinâmicas de poder.

Segundo Lemos (2013, p.24), "a TAR é interessante, pois ela busca identificar justamente a associação entre atores.

3.9 As preposições como ferramenta para entender os atores

A preposição se relaciona com o conceito anterior. Ela destaca que os atores não possuem uma posição fixa ou determinada dentro da rede, mas podem ocupar diferentes posições dependendo das interações e relações estabelecidas. "Ela é um 'modo' introduzindo para 'pré-posicionar' a leitura dos fenômenos" (LEMOS, 2013 p. 58) Essas interações podem

levar à formação de novas conexões, à criação de novas identidades e à transformação das relações existentes.

A preposição na TAR nos leva a considerar como esses atores podem se mover e se transformar ao longo do tempo. Por exemplo, após o ataque, o Charlie Hebdo enfrentou uma reconfiguração de sua rede. Novos atores, como apoiadores e solidários à causa da liberdade de expressão, se conectaram à revista e contribuíram para sua sobrevivência e continuidade.

3.10 O significado do espaço-tempo na Teoria Ator-Rede

As interações entre atores em uma rede ocorrem em contextos específicos, tanto em termos de localização geográfica quanto de momentos temporais. Esses contextos espaciais e temporais desempenham um papel fundamental na forma como as redes se formam, se desenvolvem e se transformam ao longo do tempo.

Em relação ao espaço, a análise das redes considera a distribuição geográfica dos atores e suas interconexões. A localização física dos atores pode influenciar suas interações e a formação de vínculos dentro da rede. Por exemplo, em uma rede social localizada em uma comunidade, a proximidade geográfica entre os indivíduos pode facilitar a formação de laços mais fortes e interações mais frequentes. Da mesma forma, a distância geográfica pode afetar a intensidade e a frequência das interações entre atores em uma rede global.

Além disso, o espaço também pode influenciar a estrutura da rede. Por exemplo, em redes de transporte, a conectividade entre diferentes locais geográficos pode afetar a acessibilidade e a eficiência das conexões entre os atores. A análise da distribuição espacial dos atores e das características do espaço físico em que eles estão inseridos é essencial para entender a configuração e a dinâmica da rede.

No que diz respeito ao tempo, a análise das redes considera a evolução e a transformação das relações entre os atores ao longo do tempo. As redes não são estáticas, elas estão em constante evolução. As interações entre os atores podem ser influenciadas por eventos passados, e suas consequências podem se estender para o futuro. Portanto, a compreensão do contexto temporal é fundamental para entender as dinâmicas da rede.

A análise temporal pode revelar tendências, padrões cíclicos, momentos de mudança e outros aspectos da evolução da rede. Através da análise temporal, é possível identificar momentos de surgimento e desaparecimento de atores, mudanças na intensidade e na natureza das interações, bem como identificar períodos de estabilidade ou instabilidade na rede.

No caso analisado, o espaço também pode revelar a resposta da sociedade ao atentado. A solidariedade e as manifestações de apoio ocorreram tanto em Paris quanto em outras partes do mundo, demonstrando a conexão entre os atores e a propagação das emoções e das ideias através do espaço geográfico.

4.POR DENTRO DA CAIXA PRETA: O QUE FEZ OS DISCURSOS ASCENDEREM?

A Teoria Ator-Rede, apresentada no capítulo anterior, propõe a analisar as interações entre atores humanos e não humanos, bem como os seus efeitos na construção de redes sociais e controvérsias. Nesse contexto, a controvérsia gerada a partir dos exemplos citados das hashtags #JeSuisCharlie e #JeNeSuisPasCharlie, que emergiram como consequência do ataque terrorista ocorrido em Paris contra a revista satírica Charlie Hebdo são as mais evidentes. As *hashtags* (identificadas por este símbolo: #) são utilizadas como uma forma de classificar mensagens no Twitter de acordo com o tópico.

Este é um o esmiuçamento dos acontecimentos a partir da Teoria Ator-Rede. Ao observar os atores e as redes envolvidas, é possível analisar as chamadas "caixas-pretas" e desvendar os mecanismos que compõem a estabilidade aparente das discussões que envolvem o ataque ao periódico. A abertura da caixa-preta, e por consequência, a quebra do silêncio das discussões sobre etnocentrismo, eurocentrismo, xenofobia e os limites da liberdade de imprensa e liberdade de expressão foram quebrados pelo ataque à redação, e assim, passou a emergir uma complexa rede de relações e interações que influenciam na formação e disseminação de posicionamentos e discursos.

As hashtags #JeSuisCharlie e #JeNeSuisPasCharlie representam posições opostas em relação à revista Charlie Hebdo, que, através do uso do humor e sátiras, desafiava convenções sociais e religiosas.

4.1 Entre o Eurocentrismo e a Xenofobia

O 11 de Setembro de 2001 foi um evento trágico e impactante que marcou profundamente a história mundial. Os ataques terroristas realizados por membros da al-Qaeda, uma organização extremista, contra as Torres Gêmeas do World Trade Center em Nova York e o Pentágono em Washington, D.C., resultaram em milhares de vidas perdidas e causaram um grande choque na sociedade ocidental.

A partir desta data, houve uma mudança na percepção e na representação do Islã na mídia ocidental. Meios de comunicação começaram a associar o Islã ao terrorismo e à violência, contribuindo para a disseminação de estereótipos negativos sobre os muçulmanos em geral. Essa representação distorcida do Islã e de seus seguidores reforçou a ideia de que o Islã era o verdadeiro inimigo da "civilização" ocidental - os "outros".

Figura 25 - Capa de Charlie Hebdo sobre política



Fonte: Folha de S. Paulo

Esta capa representa bem o “nós” e “eles”. “Eles ameaçam a França!”, está escrito na parte superior da página. “O Estado Islâmico”, aponta para o homem à esquerda. “O Estado Sarkozysta”, em referência ao ex-presidente Nicolas Sarkozy, aponta a seta para o homem a direita. Autores, como o próprio Latour (1993), refletem sobre o eurocentrismo.

Aos olhos dos ocidentais, o Ocidente, e apenas o Ocidente, não é uma cultura, não é apenas uma cultura. Por que se vê o Ocidente a si mesmo desta forma? Por que deveria ser o Ocidente e só o Ocidente não uma cultura? Para compreender a Grande Divisão entre nós e eles. Devemos regressar a outra Grande Divisão, aquela que se dá entre humanos e não-humanos. De fato, a primeira é a exportação da segunda. Nós ocidentais não podemos ser uma cultura mais entre outras, já que nós também dominamos a natureza. Nós não dominamos uma imagem, ou uma representação simbólica da natureza, como fazem outras sociedades, mas a Natureza, tal como ela é, ou pelo menos tal como ela é conhecida pelas ciências –que permanecem no fundo, não estudadas, não estudáveis, milagrosamente identificadas com a Natureza mesma (LATOUR, 1993, p. 97 *apud*. PINTO).

A generalização e o preconceito em relação aos muçulmanos levaram a um aumento do sentimento de hostilidade em algumas parcelas da sociedade ocidental. O eurocentrismo é produto do colonialismo europeu, como afirma Pinto (2016).

Como sugerimos anteriormente, o eurocentrismo contemporâneo é o resíduo discursivo ou a sedimentação do colonialismo, processo através do qual os poderes europeus atingiram posições de hegemonia econômica, militar, política e cultural na maior parte da Ásia, África e Américas. O colonialismo se traduziu tanto sob a forma de um controle distante de recursos (a Indochina francesa, o Congo belga, as Filipinas) (SHOHAT; STAM, 2006, p. 40-41 *apud*. PINTO).

A presença de muçulmanos em países ocidentais passou a ser vista como incômoda por alguns, alimentando sentimentos de xenofobia e islamofobia. A xenofobia é um fenômeno social que se caracteriza pela hostilidade ou repulsa em relação a indivíduos estrangeiros ou grupos étnicos percebidos como diferentes. A origem etimológica da palavra xenofobia provém de duas raízes gregas: "xénos", que representa o conceito de estranho ou estrangeiro, e "phobos", que denota medo ou aversão. A noção pode ser interpretada como “uma ideologia que consiste na rejeição das identidades culturais que são diferentes da própria” (GARZA, 2011, p.1). Ainda segundo a autora a xenofobia manifesta-se através de preconceitos infundados e desconhecimento dos fatos, o que facilmente desencadeia a discriminação contra estrangeiros.

Uma das formas mais comuns de expressar a xenofobia, conforme destacado por Garza (2011), é o racismo. A autora traz a definição de discriminação racial ou xenofobia conforme estabelecido pela Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial:

Qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência com base na raça, cor, ascendência ou origem nacional ou étnica, que tenha como objetivo ou efeito anular ou comprometer o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em igualdade de condições, dos direitos humanos e das liberdades fundamentais nos domínios político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro domínio da vida pública (GAZA, 2011, p.3)

De acordo com Garza (2011, p. 03), os meios de comunicação desempenham um papel significativo no desenvolvimento da xenofobia ao retratarem os costumes e culturas estrangeiras como elementos estranhos e distantes em relação à identidade nacional. Com o avanço da globalização, a xenofobia tornou-se uma realidade comum nas sociedades modernas, uma vez que os processos de migração têm levado à interação e mistura de diferentes raças, religiões e costumes.

A disseminação de informações e imagens através dos meios de comunicação influencia a percepção que as pessoas têm sobre grupos culturais distintos. Ao destacar e enfatizar as diferenças culturais, esses meios muitas vezes reforçam estereótipos e preconceitos, levando ao crescimento da xenofobia em certos contextos. Esse é um dos pontos defendidos por aqueles que se dizem não ser Charlie (#JeNeSuisPasCharlie).

Adiciona-se o eurocentrismo na discussão, que é uma perspectiva ideológica que se caracteriza pela atribuição de centralidade à Europa e à cultura europeia, elevando-a a um patamar de referência e valorização superior em relação a outras regiões do mundo. Essa

visão reforça a ideia de que os padrões culturais, políticos e econômicos europeus são intrinsecamente superiores aos das demais culturas. No contexto específico do atentado ao periódico satírico, torna-se relevante explorar de que maneira o eurocentrismo pode influenciar a percepção e representação de diferentes culturas e religiões, notadamente o Islã. Na FIG 35, observa-se como seguidores do islã são vistos como “ameaças” à França, de acordo com a representação do jornal.

No que tange à construção de estereótipos, preconceitos e estigmatização em relação aos muçulmanos, é importante entender como a visão de mundo eurocêntrica desempenha um papel significativo nesse processo. Essa perspectiva eurocêntrica tende a criar uma dicotomia entre "nós" e "eles", onde "nós" representamos a suposta norma cultural e "eles" são percebidos como a "outra" cultura, considerada diferente. De acordo com Sayyid define o eurocentrismo como “um projeto que procura fechar a brecha que separa o universal do ocidental.” (2004).

Essa construção de alteridade baseada em estereótipos e preconceitos é alimentada pela tendência eurocêntrica de avaliar as culturas e religiões não europeias a partir de uma perspectiva de inferioridade ou inadequação em relação aos padrões europeus.

Aqueles que se opõem ao Islamismo vêem essa identidade como uma força reaccionária votada a fazer andar para trás o relógio da História. Nestas narrativas, e como é natural, o Ocidente é a principal estrela, e o argumento parece insistir na ideia de que o resto da humanidade deveria cingir-se a papéis subalternos. (SAYYID, 2004)

Essa visão hierarquizada gera uma representação distorcida e simplificada do Islã e dos muçulmanos, relegando-os a estereótipos negativos, como associá-los ao extremismo, ao terrorismo ou à opressão das mulheres.

4.2 As raízes: colonialismo e migrações

A migração e o colonialismo francês são elementos intrinsecamente interligados que desempenham um papel fundamental na compreensão das tensões culturais e sociais presentes na sociedade francesa contemporânea.

A história colonial francesa, em particular nos países de maioria muçulmana, como a Argélia, exerceu uma influência significativa na imigração para a França e no estabelecimento de comunidades muçulmanas no país. Essa dinâmica migratória e os legados do colonialismo têm impactos profundos nas relações entre diferentes grupos étnicos e culturais na sociedade francesa.

A história colonial francesa trouxe consigo uma série de consequências, incluindo a exploração econômica, a imposição de valores e instituições francesas, bem como o estabelecimento de um sistema de hierarquia racial e cultural. Essa herança colonial influenciou diretamente os fluxos migratórios posteriores, pois muitas pessoas provenientes das antigas colônias foram atraídas pela promessa de melhores condições de vida e oportunidades na França.

Após o colonialismo francês e britânico sucedem-se as ditaduras violentas e, em muitos casos, corruptas. Guerras localizadas ocorrem em regiões que vivem sob forte opressão dos regimes autoritários, além de empobrecimento econômico e perda de direitos sociais. Como resultado, são observados diversos fluxos migratórios, em especial do Maghreb para a França e Inglaterra e dos países do Oriente Médio para vários pontos da Europa e das Américas. (SMAILI, 2015)

Essas dinâmicas migratórias e as relações entre diferentes grupos étnicos e culturais são frequentemente marcadas por tensões e conflitos. A percepção de que os imigrantes muçulmanos representam uma ameaça à identidade francesa e aos valores nacionais, bem como o sentimento de exclusão e marginalização.

Embora os grupos mais alienados e fundamentalistas sejam minoritários e a grande maioria dos muçulmanos cultive e busque a integração, o que se observou foi a produção de estereótipos generalizados, com maior discriminação e alienação (...)O trágico e inadmissível assassinato dos cartunistas do Charlie Hebdo no início de 2015 trouxe novamente estas questões a respeito da imigração argelina na França, bem como as questões sociais e o crescimento do nacionalismo europeu. Traz também o recrudescimento dos estereótipos em relação ao islã e muita adesão aos movimentos de intolerância. (SMAILI, 2015)

5. ASCENSÃO DO TEMA DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Guardadas as devidas proporções, no Brasil, um caso chamou a atenção em julho de 2023 no Espírito Santo e guarda similaridades com algumas das questões levantadas pelo atentado ao jornalístico francês.

Na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, foi promulgada uma lei que proíbe sátiras religiosas em eventos, shows e demais manifestações culturais e sociais no estado. Esse é um exemplo que também traz à tona o debate sobre os limites do humor. Essa legislação foi proposta pelo deputado Alcântaro Filho (Republicanos) e foi promulgada após o governador do Estado, Renato Casagrande (PSB), não manifestar sua posição sobre o projeto dentro do prazo constitucional de 15 dias, como divulgado pela reportagem da Folha Vitória.¹⁶

¹⁶Disponível em

<<https://www.folhavitoria.com.br/politica/noticia/07/2023/lei-que-pune-satiras-religiosas-no-es-entra-em-vigor>>
Acesso em: 24 de julho de 2023.

Com a promulgação, a lei estadual passou a vigorar e impõe restrições à realização de manifestações de cunho cultural, social e artístico que possam ser interpretadas como vilipêndio - termo jurídico que se refere a uma conduta que ofende ou desrespeita algo considerado sagrado, religioso ou venerado - a atos ou objetos de culto religioso, bem como o desrespeito a crenças e dogmas religiosos praticados publicamente por meio de sátiras e atos de ridicularização e escarnecimento.

O autor do projeto cita exemplos específicos, como a encenação feita pela escola de samba carioca Salgueiro, que, segundo ele, teria vilipendiado símbolos religiosos ao encenar Adão e Eva no Sambódromo da Marquês de Sapucaí.

Figura 26- Sabrina Sato desfila com fantasia de Dragão de São Jorge no carnaval de 2023



Fonte: Folha de S. Paulo

Além disso, menciona a escola paulista Gaviões da Fiel, que, segundo ele, "pendurou" Jesus Cristo em um dos carros alegóricos durante o desfile de Carnaval.

O caso da proibição de sátiras religiosas na Assembleia Legislativa do Espírito Santo (Ales) tem algumas semelhanças com o atentado ao Charlie Hebdo em Paris, ocorrido em janeiro de 2015. Ambos os casos envolvem debates sobre o uso do humor e da liberdade de expressão no contexto do jornalismo e da manifestação cultural.

No atentado ao Charlie Hebdo, a revista francesa foi alvo de extremistas islâmicos por causa de suas charges satíricas, que frequentemente zombavam de figuras religiosas,

incluindo o profeta Maomé. O ataque gerou um intenso debate sobre os limites do humor no jornalismo e os riscos que os profissionais da mídia enfrentam ao abordar temas sensíveis. De forma similar, a lei promulgada pela Ales proíbe sátiras religiosas.

Em uma sociedade moderna, onde as informações circulam muito rapidamente, a notícia do atentado à Charlie Hebdo e da morte dos jornalistas se tornaram rapidamente o assunto da mídia global. Aqui no Brasil, a TV Globo divulgou as primeiras informações sobre o ocorrido em um plantão jornalístico, na manhã do mesmo dia.

Quando falamos do caso de Charlie Hebdo, a discussão gira muito em torno, também, da liberdade de expressão e principalmente, seus limites - isso, se eles existem.

O artigo 10 da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, proclama que ninguém deve ser incomodado por suas opiniões, mesmo as religiosas, desde que suas manifestações não perturbem a ordem pública estabelecida por lei. E o artigo 11 enuncia que a livre comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem e que todo cidadão pode, então, falar, escrever e imprimir livremente, estando sujeito a responder às consequências do uso dessa liberdade prevista em Lei (Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1789).

Assim, como a França é um país da Europa, a liberdade de expressão é garantida pelo artigo 10 da Convenção Europeia para a proteção dos direitos humanos e liberdades fundamentais (1950), e fazendo parte da União Europeia, a liberdade de expressão também é assegurada pelo artigo 11 da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia. Resumidamente, na França, a liberdade de expressão se exerce dentro do quadro da lei francesa.

5.1 O islã como tema principal de Charlie Hebdo

Por que devemos resistir a explicações simples sobre o massacre de Charlie Hebdo? Esse é o questionamento feito pela escritora, jornalista, romancista, ensaísta e professora marroquina-americana, Laila Lalami (2015), ao escrever um artigo para o jornal estadunidense The Nation.¹⁷

Para a escritora, nos últimos 15 anos, o islamismo se tornou o principal assunto e alvo de críticas e sátiras pelo Charlie Hebdo:

¹⁷ Disponível em:

<<https://www.thenation.com/article/archive/why-we-must-resist-simple-explanations-charlie-hebdo-massacre/>>
Acesso em: 25 de outubro de 2022

Nos últimos quinze anos, o Islã tornou-se o principal alvo da revista satírica, fora de proporção com o número de muçulmanos na França ou seu peso político no país. E não foi difícil identificar os muçulmanos em suas caricaturas – os homens eram barbudos e turbantes, as mulheres com véu e submissas. Os editores do Charlie Hebdo consideraram qualquer crítica a esses retratos uma reverência ao politicamente correto e um ataque ao seu direito de criticar a religião. (LALAMI, 2015, tradução nossa.)¹⁸

No mesmo artigo a escritora cita uma capa que mostrava alunas nigerianas que foram sequestradas pelo grupo radical islâmico Boko Haram, grávidas sob os dizeres: “As escravas sexuais de Boko Haram com raiva”. Na imagem, aparecem os dizeres: “Não toquem no nosso ‘benefício maternidade’ ”

Lembro-me de uma capa do outono passado, que mostrava as alunas nigerianas que foram sequestradas pelo Boko Haram como rainhas do bem-estar grávidas, exigindo que ninguém tocasse em seus benefícios maternidades. Zombar de vítimas de sequestro e estupro e fazê-las expressarem os temores da direita sobre pagamentos de assistência social a descendentes de imigrantes não é uma imagem que considero divertida ou instrutiva. (LALAMI, 2015, tradução nossa)¹⁹

A imagem descrita no artigo é esta a seguir:

Figura 27- Capa de 22 de outubro de 2014



¹⁸ Over the last fifteen years, Islam became a primary target for the satirical magazine, out of all proportion with the number of Muslims in France or their political weight in the country. And it wasn't hard to pick out the Muslims in their cartoons—the men were bearded and turbaned, the women veiled and submissive. Charlie Hebdo's editors deemed any criticism of these portrayals to be a bow to political correctness and an attack on their right to criticize religion (LALAMI, 2015)

¹⁹ I remember one cover from last fall, which depicted the Nigerian schoolgirls who were abducted by Boko Haram as pregnant welfare queens, demanding that no one touch their payments. Mocking victims of kidnapping and rape and having them voice right-wing fears about welfare payments to descendants of immigrants is not an image I find amusing or instructive. (LALAMI, 2015)

Fonte: Folha de S. Paulo

Lalami diz que a França falhou em integrar aproximadamente 5 milhões de muçulmanos que chamam o país de casa. Sob os ideais da república francesa, cidadãos devem ser tratados com igualdade pela lei, sem discriminação de raça e religião.

5.2 Os efeitos da islamofobia na França

A França tem a maior população de muçulmanos na Europa Ocidental - 8,8% da população total do país²⁰ - , muitos deles vieram das antigas colônias francesas no norte da África, mas uma parte significativa já nasceu no país.

Lorente, em suas pesquisas, identificou que o termo "islamofobia" surgiu pela primeira vez na França na década de 1920 como "*islamophobie*" e ressurgiu novamente na década de 1970. No entanto, é importante destacar que as duas aparições do termo possuem significados diferentes. Enquanto a primeira se referia a disputas e diferenças internas dentro do Islã, a segunda estava associada ao repúdio aos muçulmanos e ao islamismo (LORENTE, 2012).

No governo de Nicolas Sarkozy, foi proibido qualquer vestimenta que pudesse cobrir o rosto. Segundo Sarkozy, essas vestimentas, *Niqab* e a Burca, não eram algo da religião em si, mas eram parte de um islã radical que pretendiam tirar a liberdade das mulheres. Na ocasião da proibição, o então presidente declarou: “Somos uma velha nação, unida ao redor de uma certa ideia de vida em comum. O véu integral, que oculta o rosto, atenta contra esses valores, para nós tão fundamentais, tão essenciais do contrato republicano.” (SARKOZY, 2010)

Seis anos antes da proibição de vestimentas que cobrissem o rosto, ainda em 2004, a França proibiu o uso de *hijab* e outros símbolos religiosos visíveis nas escolas públicas por jovens em idade escolar.

O Alcorão, livro sagrado do Islamismo, sugere apenas que os seguidores da religião cubram o cabelo, as orelhas e o pescoço para melhor prática da chamada modéstia islâmica. No caso dos homens, barbas e turbantes são a forma encontrada por muitos para seguir essas diretrizes.

Dize às crentes que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atrativos, a não ser aos seus esposos, seus pais,

²⁰ Dado divulgado pela página “Factuel”, da Agence France Presse. Disponível em <https://factuel.afp.com/20-millions-de-musulmans-en-france-ils-sont-environ-4-fois-moins-selon-les-estimations-les-plus>> Acesso em 22 de julho de 2023

seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulheres, aos seus escravos isentos das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para que não chamem a atenção sobre seus atrativos ocultos. Ó crentes, voltai-vos todos, arrependidos, a Allah, a fim de que vos salveis! (Alcorão, 24:31)

Em maio 2022, segundo o Estadão²¹, o Conselho de Estado da França, que é o principal tribunal administrativo do país, confirmou a proibição das roupas de banho conhecidas como “*burkini*” em piscinas públicas. Os “*burkinis*” são trajes de banho - uma espécie de maiô que cobre o corpo e a cabeça das mulheres.

O atual presidente francês, Emmanuel Macron, se diz ser contra a proibição de símbolos religiosos em espaços públicos e apoia que a imprensa seja livre para representar o profeta Maomé

Figura 28 - Reportagem do Estado de Minas, via AFP, sobre discordâncias políticas sobre o uso do véu na França



Fonte: Reprodução Portal Estado de Minas

5.3 Blasfêmia: representações de maomé

Por diversas vezes, o atual presidente francês foi alvo de manifestações por incentivar a liberdade da imprensa francesa em publicar charges de Maomé. Uma reportagem, publicada

²¹ Disponível em:

<<https://www.estadao.com.br/internacional/franca-reacende-debate-sobre-uso-de-burkini-apos-tribunal-proibir-vestimenta-em-piscinas-publicas/#:~:text=PARIS%20%2D%20O%20Conselho%20de%20Estado,p%C3%BAblicas%20da%20cidade%20de%20Grenoble.>> Acesso em: 25 de outubro de 2022

em 30 de outubro pelo portal da BBC News Brasil,²² revela os motivos de haver tanta revolta contra Macron no mundo islâmico.

Essa mesma reportagem traz uma fala de Emanuel Macron: "Não vamos desistir de nossos cartuns", durante uma homenagem a Samuel Paty, o professor francês que foi decapitado em outubro de 2020 por mostrar desenhos do profeta Maomé em um debate sobre liberdade de expressão na sala de aula na pequena cidade de Conflans-Saint-Honorine. Ele foi morto por um jovem de 18 anos, de origem chechena, que teria ficado revoltado com sua atitude.

A representação de Maomé, por si só, já é considerada por muitos uma blasfêmia, já que vai contra os ensinamentos islâmicos, mas é curioso saber que, diferentemente da Bíblia, seguida pelos cristãos, em que no velho testamento os blasfemos eram punidos severamente, não há previsão de punição explícita a quem zomba do profeta Maomé no Alcorão.

De acordo com reportagem publicada pela BBC Brasil²³ a origem para justificar a proibição é um verso no Corão que tem Abraão, a quem vêem como profeta: "(Abraão) disse a seu pai e a seu povo: 'O que são essas imagens a cuja adoração vocês se apegam?' Eles responderam: 'Vimos nossos pais as adorando'. Ele disse: 'Certamente vocês estão, vocês e seus pais, em evidente erro'."

De todo modo, se é ou não considerada uma blasfêmia, a representação de forma satírica e caricata foi recebida com uma reprovação ainda maior pela comunidade muçulmana. Segundo a CNN Brasil,²⁴ as caricaturas de Maomé que Paty usou em sua aula apareceram originalmente no Charlie Hebdo e foram citadas como a motivação para o ataque terrorista que vitimou o professor na França em 2020.

5.4 A mídia e a luta contra o extremismo

Diversos veículos de imprensa se solidarizaram com as causas defendidas pelo Charlie Hebdo. Aqui no Brasil, a revista Veja publicou em seu site na internet uma coluna, assinada pelo escritor Sérgio Rodrigues, intitulada "Humor: com religião se brinca, é claro.". Nela, lemos:

Mais do que poder ser satirizada, a religião – qualquer religião – deve, precisa, tem que ser satirizada. Isso vale para qualquer área em que o fanatismo, a arrogância, a

²² Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54732021>> Acesso em: 25 de outubro de 2022

²³ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150115_retrato_maome_historia_pai> Acesso em: 25 de outubro de 2022

²⁴ Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/o-que-se-sabe-sobre-o-caso-de-decapitacao-de-um-professor-na-franca/>> Acesso em 25 de outubro de 2022

desumanização e a estupidez se infiltram de modo sistemático. A política está no mesmo caso, o esporte também. Se começarmos a abrir exceções não pararemos mais. (RODRIGUES, 2015)

Líder do movimento denominado como “Maio de 68” - um movimento político originado na França que foi marcado por greves gerais e ocupações estudantis - Daniel Cohn-Bendit foi entrevistado pela Folha de São Paulo²⁵ no ano do atentado à redação do Charlie Hebdo. À época deputado no Parlamento Europeu, o franco-alemão era amigo de dois dos cartunistas assassinados, Cabu e Wolinski. Na entrevista, ele afirmou:

É preciso entender que "Charlie Hebdo" foi alvo por ser um jornal no qual os fundadores eram anticlericais, antirreligiosos, eles iam até o fim. Jornalistas que se consideravam no espírito de 68, no senso crítico, de uma radicalização do pensamento, da rejeição da religião, do autoritarismo. (COHN-BENDIT, 2015)

Ao ser questionado se acreditava que a publicação exagerava nas piadas de alguma forma, sua resposta foi:

Era a concepção deles, um jornal satírico onde o exagero era parte de sua ideia. Se você diz que eles exageram, diz que eles não têm razão de ser. Estavam convencidos de que a liberdade de expressão é atacar de Cristo a Maomé. Era a concepção de liberdade deles. Pode-se achar isso babaca ou bom. Mas é parte do jogo. Uma sociedade livre é justamente aquela que suporta o excesso. (COHN-BENDIT, 2015)

As certezas das Cohn-Bendit, no entanto, não são unanimidade. O tema foi debatido rapidamente e controvérsias foram notadas através das hashtags no Twitter #JeSuisCharlie e #JeNeSuisPasCharlie. Após o atentado, os dois tópicos estavam no topo das discussões virtuais.

²⁵ Disponível em:

<<https://feeds.folha.uol.com.br/fsp/mundo/203180-jornal-foi-alvo-por-ir-ate-as-ultimas-consequencias.shtml>>
Acesso em 25 de outubro de 2022

Figura 29 - Captura de tela de tweet de Marcelo Tas sobre o atentado



Fonte: Reprodução Twitter

Nesta captura de tela do Twitter é possível perceber uma discussão iniciada pelo apresentador, Marcelo Tas. Dando continuidade, internautas respondem e questionam o discurso adotado pelo semanário.

Além de Tas, é possível identificar facilmente através da hashtag outros usuários da rede que saíram a favor de Charlie.

Figuras 30, 31 e 32 - Capturas de tela do Twitter em apoio ao jornal



Fonte: Reprodução Twitter

O mesmo vale para a contrahashtag, #jenesuispascharlie, que questiona os limites da liberdade de imprensa.

Figuras 33, 34, 35 e 36 - Capturas de tela do Twitter que criticam a postura do jornal



Fonte: Reprodução Twitter

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O humor é presente no jornalismo, em charges, sátiras ou caricaturas. Através do riso, muitas questões sociais, políticas e culturais são abordadas. No entanto, surge a questão: até que ponto o humor pode ser utilizado no jornalismo? Há limites que devem ser respeitados?

A linha tênue entre o humor inteligente - que utiliza artifícios satíricos - e a ofensa pode ser desafiadora de definir. O que pode ser engraçado para alguns pode ser profundamente ofensivo para outros. A intenção por trás do humor desempenha um papel significativo na avaliação dos limites éticos. Quando o humor é empregado para ridicularizar injustiças, abusos de poder ou hipocrisias, pode ser visto como uma forma de conscientização e crítica social.

De acordo com a teoria da superioridade de Aristóteles, o humor reside na relação entre um indivíduo superior e um outro inferior. Logo, alguém é alvo da piada. É necessário avaliar, no caso do jornalismo, se vale a pena chamar a atenção para uma questão utilizando de recursos humorísticos que possam ferir um grupo de pessoas. O que é engraçado em uma cultura pode não ser compreendido e apreciado em outra. Portanto, os profissionais devem considerar a sensibilidade cultural do público-alvo para garantir que o humor seja relevante e bem recebido.

O público-alvo pode ser diverso em termos de idade, gênero, origem étnica, orientação sexual e outras características. É importante considerar essa diversidade ao utilizar o humor, evitando estereótipos ou generalizações que possam alienar ou ofender certos grupos.

Fato é que o humor é subjetivo, e diferentes pessoas podem ter reações opostas à mesma piada ou sátira. Alguns podem achá-lo hilariante e inteligente, enquanto outros podem achá-lo ofensivo ou sem graça.

A utilização das charges - sejam elas interessantes ou não - desencadeou uma série de acontecimentos após o ataque à redação. Esse evento representou a quebra da "caixa-preta", trazendo à tona questões controversas.

Com a quebra da "caixa-preta" após o ataque à redação do Charlie Hebdo, o conteúdo revelado trouxe à tona questões complexas e sensíveis, entre elas, a presença de questões relacionadas à xenofobia e ao eurocentrismo. As discussões sobre os limites da liberdade de expressão vão além do aspecto legal e entram no campo ético e cultural.

Ao olharmos para o tema da liberdade de expressão a partir da perspectiva de Lemos (2013), percebemos que suas implicações ultrapassam os limites do discurso e adentram em um vasto emaranhado de fatores. O eurocentrismo, por exemplo, representa uma das questões que tangenciam essa liberdade, uma vez que certas vozes e culturas podem ser suprimidas ou negligenciadas em detrimento de outras tidas como dominantes. É o que argumenta, no geral, o grupo contrário às publicações do satírico.

Outra questão importante é a xenofobia, que se manifesta na restrição ou hostilidade em relação a indivíduos ou grupos estrangeiros. A liberdade de expressão pode ser prejudicada quando a voz desses grupos é silenciada ou subjugada sob o peso de preconceitos e estereótipos. A Teoria Ator-Rede permite examinar os elementos sociais, políticos e tecnológicos que sustentam os diferentes pontos de vista.

REFERÊNCIAS

APPLE, Caroline. **Livro de “Piadas” que chama mulheres de “cabeça oca” causa revolta nas redes sociais**. R7. 11 de novembro de 2015. Cidades. Disponível em: <https://noticias.r7.com/cidades/livro-de-piadas-que-chama-mulheres-de-cabeça-oca-causa-rev-olta-nas-redes-socias-11112015> Acesso em: 08 de setembro de 2022.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1990. Série Universitária. Clássicos de Filosofia.

ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE. **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão**, Paris 1789. Disponível em: https://www.senado.gov.br/noticias/agencia/quadros/qd_360.html#:~:text=reprimido%20pela%20lei.-,Art.ordem%20p%C3%BAblica%20estabelecida%20pela%20lei. Acesso em: 22 de outubro de 2022.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CHARLIE HEBDO. Disponível em: <<https://charliehebd.fr/>>. Acesso em: Data de Acesso: Acesso em 25 de novembro de 2022

COELHO, Ana Paula Pereira e AZAMBUJA, Patrícia. **Ações, Rastros e Controvérsias Online**. 2015, vol.15, n.spe [citado 2023-07-25], pp. 1201-1223 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000400005&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 25/05/2022.

CONSELHO EUROPEU. **Convenção Europeia para a proteção dos direitos humanos e liberdades fundamentais**. Roma: 1950.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. 1948. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 25/05/2022.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. 2023. Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/humor/>. Acesso em: 10/08/2023.

DW. **Caricaturas de Maomé acendem na França debate sobre liberdade de imprensa**. Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-br/caricaturas-de-maom%C3%A9-acendem-na-fran%C3%A7a-debate-sobre-liberdade-de-imprensa/a-16252842>. Acesso em: 28 maio 2023.

EDITORIAL: January 7, São Paulo, 01 de setembro de 2015. Editorial. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/internacional/en/opinion/2015/01/1572678-editorial-january-7.shtml> Acesso em: 08 de setembro de 2022.

PINTO, Jean Lucas Gomes. **Futebol e Eurocentrismo: as representações sociais sobre os continentes no programa televisivo Linha de Passe, da ESPN, durante a Copa do Mundo de 2018**. 2019. 81f. TCC (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social/ Jornalismo, Fortaleza (CE), 2019.

FIGUEREDO NETO, Celso. **Porque Rimos: Um Estudo do Funcionamento do Humor na Publicidade** - Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Recife. 2011.

GARZA, Cecília De La. **Xenofobia**. Laboreal, vol. 7, n. 2, 01 dez 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/7924>. Acesso em 25 de novembro de 2022.

G1. **Veja repercussão do ataque à revista francesa Charlie Hebdo**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/veja-repercussao-do-ataque-revista-francesa-charlie-hebdo.html>. Acesso em: 28 maio 2023.

LEMOIS, André. **A comunicação das coisas: Teoria do ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume Editora, 2013.

LORENTE, Javier Rosón. **Discrepancias em torno al uso del término islamofobia**. In: GROSGOUEL, Ramón e MUÑOZ, Gema Martín (Eds.). La islamofobia a debate: La genealogia del miedo al islam y la construcción de los discursos antiislámicos. 1ª edição. Madrid: Casa Árabe-IEAM. 2012. pp. 167-189.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Unesp, 2003.

MOLLIER, Jean-Yves. **As mil e uma faces da censura de ontem até hoje**. Concinnitas, v. 1, p. 72, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/39847>. Acesso em: 04 jun. 2022.

RUSHDIE, Salman. **Salman Rushdie on Charlie Hebdo: freedom of speech can only be absolute**. The Guardian, London, 15 jan. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2015/jan/15/salman-rushdie-on-charlie-hebdo-freedom-of-speech-can-only-be-absolute>. Acesso em: 28 maio 2023.

SMAILI, Soraya S.. **Migrantes, pós-colonialismo e fundamentalismo: enlaces entre Oriente e Ocidente e a questão do Islã**. Psicologia USP, São Paulo, V. 26, número 2, 2015.

SAYYID, S. **Islam(ismo), eurocentrismo e ordem mundial**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 69 | 2004, 53-72. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1337>. Acesso em: 10 de agosto de 2023. Data de Acesso. Tradução por João Paulo Moreira.

SILVA, Ivan Cabral da. **Humor Gráfico: o sorriso pensante e a formação do leitor**. Natal, RN, 2008. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14297/1/IvamCS.pdf>. Acesso em: 28 maio 2023.

UNIÃO EUROPEIA. **Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia**. Estrasburgo, 2000. O significado do espaço-tempo na Teoria Ator-Rede